

Contributos para um *Cancioneiro* de Fernando Pessoa: um estudo das listas

[Contributions toward a *Cancioneiro* of Fernando Pessoa: a study of the lists]

Raquel Madanêlo Souza*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, *Cancioneiro*, Listas e esquemas, Poesia ortônima, Língua portuguesa.

Resumo

O presente estudo integra pesquisas de pós-doutoramento sobre o(s) *Cancioneiro(s)* de Fernando Pessoa. O título *Cancioneiro* figura em várias listas do espólio do poeta e faz parte tanto dos planos como dos projetos de publicação da sua produção ortônima em língua portuguesa. Como já apontaram Jorge Nemésio, Teresa Rita Lopes e, mais recentemente, Jerónimo Pizarro, Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda, entre outros, é essencial partir dos planeamentos e projetos editoriais elaborados pelo poeta para proceder à organização e edição da obra do autor de *Mensagem*. As listas estudadas, pertencentes ao núcleo documental intitulado “Esquemas”, revelam aspetos importantes desta produção, na medida em que dão acesso a algumas das seleções realizadas pelo próprio escritor e permitem conhecer certos elementos relacionados com a sua obra.

Keywords

Fernando Pessoa, *Cancioneiro*, Lists and Schemes, Orthonymic Poetry, Portuguese Language.

Abstract

This study forms part of postdoctoral research on the *Cancioneiro(s)* of Fernando Pessoa. The title *Cancioneiro* appears in several lists from the poet's archive and figures both in the plans and in the publication projects for his orthonymic production in Portuguese. As previously noted by Jorge Nemésio, Teresa Rita Lopes and, more recently, Jerónimo Pizarro, Jorge Uribe, and Pedro Sepúlveda, among others, it is essential to begin from the editorial plans and projects devised by the poet in order to organize and edit the work of the author of *Mensagem*. The lists examined, belonging to the documentary nucleus entitled “Esquemas” (“Schemes”), reveal important aspects of this production, insofar as they provide access to some of the selections made by the writer himself and make it possible to identify certain elements related to his work.

* Professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Minas Gerais.



O título *Cancioneiro* surge reiteradamente nos planos editoriais de Fernando Pessoa, associado a diferentes tentativas de organização da sua produção ortônima em língua portuguesa. O presente estudo procura contribuir para a (re)constituição do que poderiam ter sido essas antologias – ou, nos termos de Jerónimo Pizarro, essas “auto-antologias” (PIZARRO, 2023a) – a partir da análise de listas e esquemas preservados no espólio do poeta. Como se sabe, a palavra *cancioneiro* implica uma coleção de canções. Embora o termo seja conhecido desde a Antiguidade (ROSA, 2009), a sua difusão intensificou-se na Idade Média, com o aparecimento de coletâneas poéticas, acompanhadas ou não de notação musical, que reuniam cantigas em grandes repositórios. No universo galego-português, tais compilações organizaram-se sobretudo em cancioneros profanos e no mais sacro de Afonso X, as *Cantigas de Santa Maria*.

Embora tenha origem remota, o vocábulo foi utilizado diversas vezes por Pessoa em listas, planos e projetos de publicação da obra ortônima, em língua portuguesa. Segundo Maria Aliete Galhoz:

A ideia de subordinar parte ou quase toda a sua obra ortônima portuguesa – exceção feita da de feição místico-nacionalista – ao título geral de *Cancioneiro* aparece como a mais persistente nos seus muitos e não realizados ou incompletos projetos de criação e publicação [...] Na sua fase adulta, em que o cultivo de estufa dos “ismos” é substituído por uma madura e perfeita arte poética, *Cancioneiro*, desdobrado em vários livros, viria a englobar toda a obra poética assinada por ele-mesmo.

(em PESSOA, 2005d: 734)

A persistência desse projeto ao longo do tempo pode ser observada já em documentos anteriores aos planos editoriais mais tardios. Num manuscrito que pertence ao ensaio *Impermanence*, datável de 1918-1920, por exemplo, lê-se:

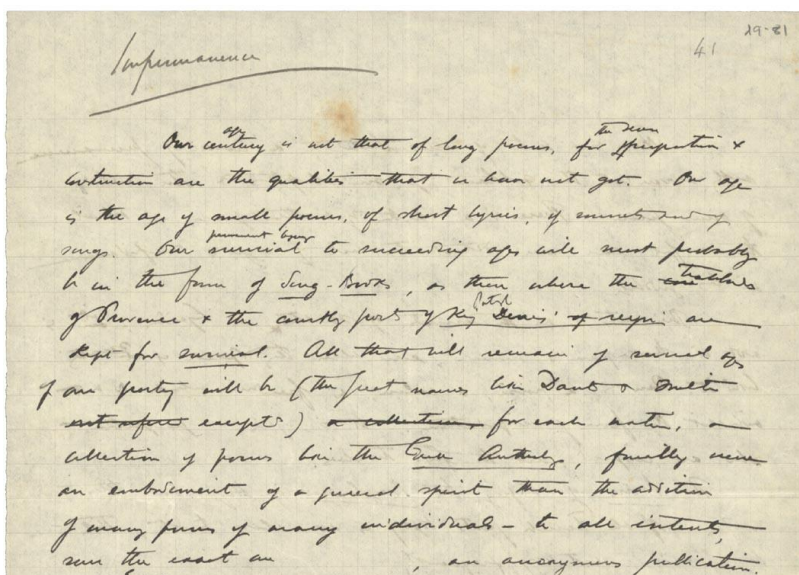


Fig. 1. Our century [↑ age] is not that of long poems (BNP/E3, 19-81^v; pormenor).

Our century [↑ age] is not that of long poems, for [↑ the sense] of proportion and construction are the qualities that we have not got. Our age is the age of small poems, of short lyrics, of sonnets and of songs. Our survival [↑ permanent legacy] to succeeding ages will most probably be in the form of *Song-Books*, as those where the <cou> troubadours of Provence and the courtly poets of King Denis' <of> reign [↑ Portugal] are kept for /survival/. All that will remain of several ages of our poetry will be (the great names like Dante or Milton <not referred> excepted) <a collection,> for each nation, a collection of poems like the *Greek Anthology*, finally more an embodiment of a general spirit than the addition of many poems of many individuals – to all intents, save the exact one □, an anonymous publication.

(PESSOA, 1967, 282; 2005e: 507; BNP/E3, 19-81^r)

Como se lê no trecho acima, Pessoa acreditava que a poesia da modernidade tenderia a privilegiar formas breves – “short lyrics, sonnets and songs” – e que a sua sobrevivência futura dependeria menos de grandes obras unitárias do que de coletâneas ou *song-books*, semelhantes aos cancioneiros medievais por ele evocados. Mais do que simples reuniões de poemas individuais, essas antologias poderiam representar, segundo o poeta, a “embodiment of a general spirit”, isto é, a cristalização de uma sensibilidade coletiva ou de um espírito de época.

Em outro fragmento não datado, mas também tardio, recolhido por Teresa Rita Lopes – mas fixado por Luísa Medeiros – no volume *Pessoa Inédito* (1993), os Cancioneiros surgem associados à própria formação de uma identidade cultural portuguesa. Mais do que simples repositórios poéticos medievais, eles aparecem como manifestações precoces de uma vocação universalista atribuída por Fernando Pessoa à cultura portuguesa: “Antes de sermos imperialistas, já eramos universalistas. Isto o revela a nossa primitiva literatura – a dos cancioneiros e novellas de cavallaria” (em LOPES, 1993: 231; BNP/E3, 125A-57^r e 58^r). O fragmento é significativo porque inscreve os Cancioneiros numa genealogia espiritual da nação, fazendo deles não apenas vestígios literários do passado medieval, mas sinais de uma predisposição histórica dos portugueses para a abertura cultural e imaginativa. Nesse contexto, o termo adquire um alcance que ultrapassa o domínio estritamente editorial ou literário, passando a integrar algumas das reflexões pessoanas sobre literatura, cultura e nação.

Essa aproximação entre Cancioneiros, cultura medieval e identidade nacional reaparece no inquérito de 1926 intitulado “Portugal, Vasto Império”, publicado inicialmente n’*O Jornal do Comércio e das Colónias*:

No fim da chamada Edade Media, e no principio da Renascença, esboçámos, é certo, um accentuado movimento cultural, que abrange os Cancioneiros, os Romances de Cavallaria, e um ou outro phenomeno como a especulação de Francisco Sanches, aliás formado em outro ambiente; mas em breve o vinco, muito mais typicamente nacional, das Descobertas[,] arrastava para si toda a vitalidade portugueza, e o Catholicismo, então em período de reacção, se encarregou de annular aquella liberdade de especulação, sem a qual a cultura é impossivel.

(PESSOA, 1926: 1)

Nesse trecho, Fernando Pessoa identifica nos finais da Idade Média e nos inícios da Renascença um momento de intensa vitalidade cultural, representado pelos Cancioneiros, pelos romances de cavalaria e pela especulação filosófica. A passagem é particularmente reveladora porque opõe dois impulsos históricos distintos: de um lado, uma cultura marcada pela imaginação, pela pluralidade e pela “liberdade de especulação”; de outro, o desvio da energia nacional para o expansionismo marítimo e para a ortodoxia católica. Assim, os Cancioneiros aparecem associados a uma possibilidade cultural interrompida: uma espécie de modernidade alternativa, anterior às Descobertas, que Pessoa via como expressão de uma criatividade portuguesa mais livre e universalista.

Já em carta de 28 de julho de 1932, enviada a João Gaspar Simões, Pessoa manifestaria a intenção de publicar, entre 1932 e 1933, alguns livros que trariam o título “inexpressivo” de *Cancioneiro*:

Mais tarde, no outro anno, seguiria, só ou com qualquer livro, “Cancioneiro” (ou outro título igualmente inexpressivo), onde reuniria (em “Livros I a III” ou “I a V”) varios dos muitos poemas soltos que tenho, e que são por natureza inclassificaveis salvo de essa maneira inexpressiva.

(PESSOA, 1998: 199)

A passagem é particularmente reveladora porque mostra que, para Pessoa, o título *Cancioneiro* possuía precisamente a vantagem de sua amplitude e indefinição. Considerado “inexpressivo”, o termo permitia reunir poemas “soltos” e “inclassificáveis”, funcionando menos como designação de um género específico do que como princípio agregador de uma produção lírica dispersa. Nesse sentido, o *Cancioneiro* configurava-se como uma estrutura editorial suficientemente aberta para abarcar a heterogeneidade da poesia ortónima.¹

Apesar de insistir na generalidade e insuficiência do título, encontra-se ainda, num rascunho de prefácio ao *Cancioneiro*, a definição da obra como uma “colectânea (coleção) de Canções”, retomando explicitamente a dimensão antológica e compilatória associada historicamente ao vocábulo.

Canção é, propriamente, todo aquelle poema que contém emoção bastante para que pareça ser feito para se cantar, isto é, para nelle existir naturalmente o auxilio, ainda que implicito, da musica. [...] [*variante*: que contém emoção bastante para parecer que nelle se está cantando]. A canção exclue, portanto, tudo quanto se não póde cantar. Não se pode cantar o que é longo; não se póde cantar o que é duro; não se póde cantar o que é rigido e formal. Porisso <o epigramma> a canção exclue o poema longo, exclue o poema satirico, exclue o epigramma e todo poema que se serve de uma fórmula rigida, como, por exemplo, o soneto. <Com> Salvas estas limitações, todo poema é uma canção.

¹ Pessoa voltaria a referir-se ao termo em cartas a João Gaspar Simões datadas de 18 e 25 de fevereiro de 1933.

Não pôde chamar-se canção o que exclue o elemento musical. Porisso não pôde chamar-se canção a um poema em verso irregular ou livre, nem a um poema onde não haja rima.

(PESSOA, 1966: 427-428; BNP/E3, 21-132^r)

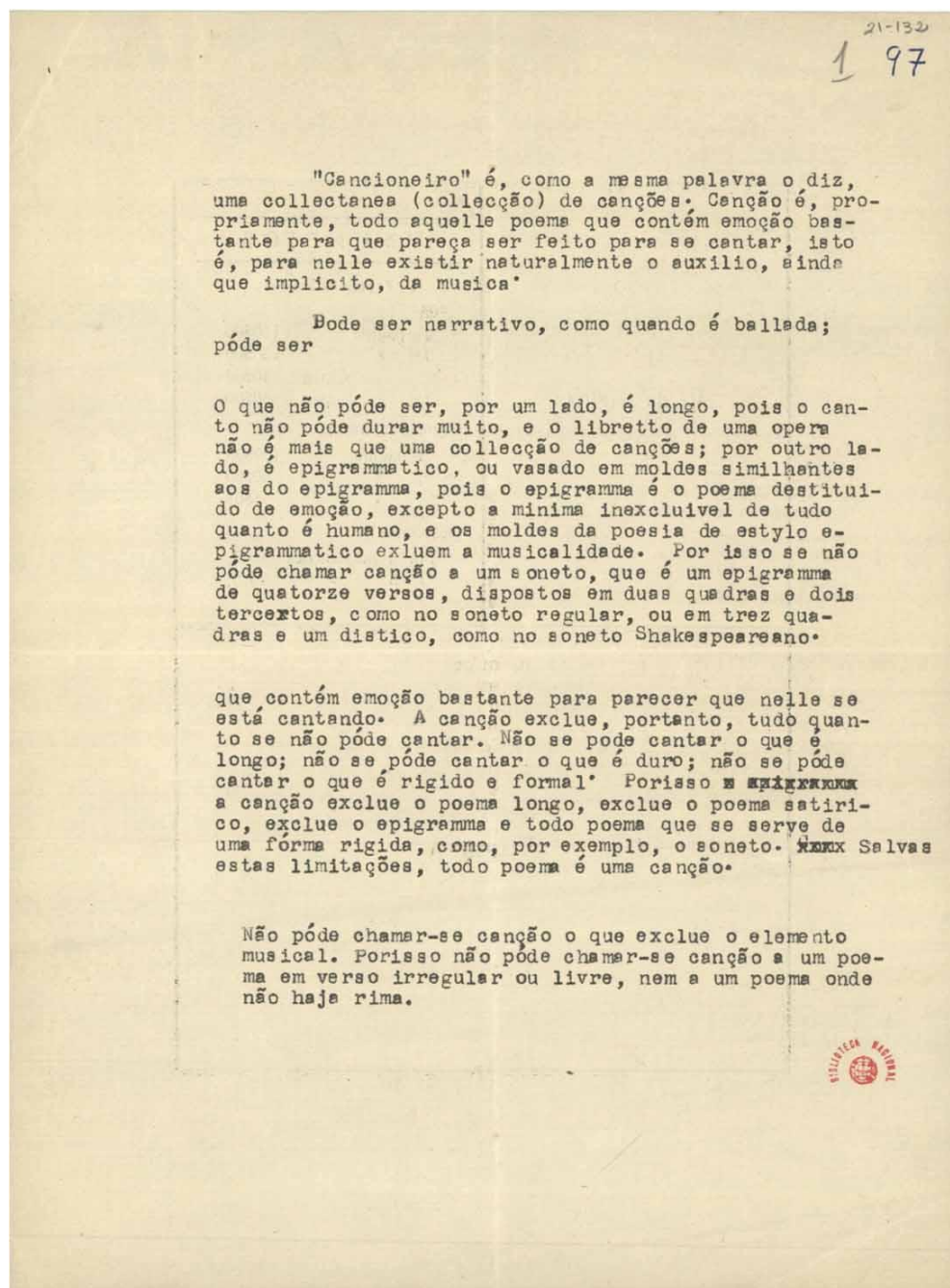


Fig. 2. "'Cancioneiro' é, como a mesma palavra o diz" (BNP/E3, 21-132^r).

O trecho acima constitui um dos mais significativos testemunhos das reflexões de Fernando Pessoa acerca da relação entre poesia e música. Mais do que uma simples definição de "canção", o fragmento propõe uma verdadeira poética da musicalidade, baseada na adequação entre emoção, ritmo, extensão e forma. Para Pessoa, a canção pressupõe não apenas a presença implícita da música, mas também determi-

nadas condições formais: brevidade, maleabilidade rítmica e regularidade métrica e rimática. Nesse sentido, a exclusão do verso livre, do poema longo ou de formas consideradas “rígidas” revela uma conceção da poesia fundada na cantabilidade e na fluidez sonora, aproximando o *Cancioneiro* de uma tradição lírica anterior à modernidade experimental.

Como apontámos inicialmente, além de surgir explicitamente mencionado em textos em prosa, o termo *Cancioneiro* figura em várias listas do espólio pessoano, integrando diferentes planos e projetos editoriais do escritor. Manuela Parreira da Silva observa que os títulos dos poemas presentes nessas listagens sofriam alterações constantes e destaca a recorrência de certos textos:

[...] poemas que figuram em todas as listas, como é o caso, por exemplo, de “Canção de Outono”, “A Ceifeira”, “O Aldeão” (título que, por vezes, atribui ao conhecido “Ó sino da minha aldeia”, que também é referido), “Qualquer música”, “O carro de pau”, “Marinheiro-monge”, “Là-Bas” (ou “Dorme enquanto eu velo”). Num outro plano ainda (48-36), assinala um subtítulo, “Canções de Lisboa”, constituído por 7 ou 8 poemas (“O Silva”, “Transeunte”, “Revolucionário Morto”, “...Ah dormir tudo!...”, “Pequenito Coxo”, “Intervenção Cirúrgica”, “O Caixão Roto”, e “Mater Desiderata”, interrogado), com a indicação, entre parêntesis, de se destinar ao 1º ou ao 2º livro de *Cancioneiro*. Alguns destes poemas, não chegaram a ser inteiramente acabados, como “A um Revolucionário Morto”, de 1913 (publicado, pela primeira vez, com algumas lacunas, em 2006), ou “Intervenção Cirúrgica” e “O Caixão Roto” (inéditos).

(SILVA, 2010: 131)

A observação de Manuela Parreira da Silva evidencia não apenas a persistência do projeto editorial, mas também o seu caráter móvel e processual. As sucessivas reorganizações dos poemas, a oscilação entre títulos e subtítulos e a inclusão de textos inacabados sugerem que o *Cancioneiro* funcionava como um espaço editorial aberto, continuamente reelaborado por Pessoa.

Na introdução de *Cancioneiro – Uma Antologia*, Fernando Cabral Martins e Richard Zenith afirmam que:

Foi por volta de 1915 que Fernando Pessoa chegou ao título de *Cancioneiro* para designar uma grande coletânea de poemas soltos assinados com seu próprio nome. Ponderou outros títulos concorrentes, como *Exílio* e *Itinerário*, que se desvaneceram ou passaram a designar outros tipos de livros.

(PESSOA, 2016: 5)

Pode-se considerar, portanto, que o título *Cancioneiro* ocupou uma posição central nos projetos e planeamentos editoriais de Fernando Pessoa para a publicação da poesia ortónima em língua portuguesa, pelo menos entre meados da década de 1910 e (ainda mais) os anos de 1930. Tanto os fragmentos em prosa quanto as listas do espólio e a correspondência trocada com João Gaspar Simões testemunham a continuidade e a relevância desse projeto ao longo de diferentes momentos da trajetória literária pessoana.

Quanto às listas e projetos presentes no espólio pessoano, Jorge Nemésio publicou, em 1958, o estudo *A Obra Poética de Fernando Pessoa – estrutura das futuras edições*, no qual sublinhava a importância dos planeamentos editoriais elaborados pelo poeta para a organização de suas obras póstumas. Vinte e nove anos depois, Teresa Sobral Cunha retomaria esse mesmo argumento num texto publicado na *Revista da Biblioteca Nacional de Portugal*, reafirmando a centralidade dos projetos editoriais pessoanos para a estruturação e compreensão do conjunto da obra do escritor. Já naquele momento, a investigadora considerava tratar-se de uma “velha questão”, reiterando a necessidade de se atender às indicações deixadas pelo próprio autor na preparação de futuras edições.

Mais recentemente, Pedro Sepúlveda e Jorge Uribe publicaram estudos e listas relacionados com os projetos de publicação concebidos por Pessoa. Também Jerónimo Pizarro, em contributos que retomam e ampliam a história desses estudos, reuniu e analisou documentação essencial para a compreensão dos planos editoriais do poeta. O presente artigo parte de algumas conclusões preliminares derivadas da análise das listas da poesia ortónima publicadas por Pizarro em 2023, procurando refletir especificamente sobre os projetos em torno do *Cancioneiro*.

Para a realização deste trabalho, foram investigadas dez listas publicadas e transcritas por Jerónimo PIZARRO nos artigos “Pessoa antologista e auto-antologista” (2023a) e “Projectos, tenho-os tido todos” (2023b). Esses documentos² integram o “núcleo destinado a este tipo de documentos” (PIZARRO, 2023b: 152) e correspondem às seguintes cotas: [48B-25^r]; [48-31^r]; [48-32^r e 33^r]; [48-34^r]; [48-35^r]; [48-36^r]; [48-37^r]; [48-38^r]; [48-39^r]; [Col. Fernando Távora (Lote 31)]. As listas foram analisadas a partir dos seguintes critérios: (1) tentativa de localização dos poemas, das datas dos testemunhos e das cotas dos documentos; (2) identificação dos poemas nas diferentes listas; (3) descrição e análise material dos suportes; (4) elaboração de hipóteses relativas à possível datação das listas; e (5) análise comparativa dos documentos.

Breves apontamentos teórico-críticos sobre o estudo das listas

Nas últimas décadas, as investigações sobre listas têm mobilizado estudiosos de diferentes áreas do conhecimento. Como observam Roman Alexander Barton, Julia Böckling, Sarah Link e Anne Rügge-meier no prefácio do volume *Forms of List Making*, “the past decade or so has seen a growing interest in the role that lists play in knowledge-making” [a última década aproximadamente assistiu a um crescente interesse pelo papel desempenhado pelas listas na produção do conhecimento],

² Segundo Pizarro, após concluir a edição de *Escritos sobre Génio e Loucura* (2006): “contei com a colaboração de Gonçalo Zagalo Pereira, com quem transcrevi a maior parte dos documentos que se conservam no núcleo destinado a esse tipo de documentos (envelopes 48, 48A, 48B, 48C, 48D, 48E, 48F, 48G, 48H, 48I), composto por listas, esquemas, argumentos e múltiplos apontamentos” (PIZARRO, 2023b: 152).

fenômeno que os autores relacionam à crescente presença de estruturas enumerativas nos formatos digitais contemporâneos (BARTON *et al.*, 2022: 2). Ainda segundo os investigadores, as listas, “considered as an epistemic, literary, or visual form” [consideradas como formas epistêmicas, literárias ou visuais], “have contributed to arts and sciences since the beginnings of civilization” [têm contribuído para as artes e as ciências desde os primórdios da civilização] (BARTON *et al.*, 2022: 6). A observação é particularmente relevante para os estudos literários e arquivísticos, uma vez que evidencia a dupla natureza das listas: simultaneamente instrumentos de organização do saber e formas de construção simbólica.

No âmbito dos estudos literários, tornaram-se clássicas as referências de Michel Foucault, em *As palavras e as coisas*, à taxonomia ficcional de animais presente no conto “O idioma analítico de John Wilkins”, de Jorge Luis Borges. Também são frequentemente evocadas as enumerações de navios gregos na *Ilíada*, bem como a descrição do escudo de Aquiles, analisada por Umberto Eco em *A vertigem das listas*. Em todos esses casos, a lista deixa de ser entendida apenas como um dispositivo utilitário ou administrativo, assumindo funções poéticas, cognitivas e até imaginativas. Mais do que simples inventários, as enumerações tornam-se formas de ordenar o mundo, de representar a totalidade ou de sugerir aquilo que excede qualquer possibilidade de organização definitiva.

Segundo Maria Esther Maciel no livro *As ironias da ordem*:

A lista [...] é o princípio constitutivo do inventário e do catálogo, além de manter um estreito parentesco com a coleção, dado o caráter serial que a atravessa, podendo ainda ser considerada o ponto de partida para a configuração da ordem enciclopédica. Como recurso classificatório, a lista foi uma das primeiras formas de escrita de que se tem notícia nas civilizações alfabetizadas, usadas não apenas para dar um espaço seguro e duradouro aos nomes de ações, atividades, objetos, animais e pertences em geral. O que não significa que ela não tenha existido nas culturas orais.

(MACIEL, 2009: 28)

A reflexão de Maciel permite compreender a lista não apenas como um instrumento prático de organização, mas também como uma tecnologia cultural ligada à memória, à classificação e à preservação do conhecimento. Ao aproximar lista, inventário, catálogo e coleção, a autora evidencia o caráter simultaneamente material e simbólico dessas formas enumerativas, cuja função ultrapassa a simples ordenação de elementos. Nesse sentido, as listas presentes no espólio de Fernando Pessoa podem ser entendidas não apenas como registos preparatórios ou auxiliares editoriais, mas como dispositivos de organização poética e intelectual, através dos quais o escritor procurava estruturar, hierarquizar e projetar a sua própria obra. Mais do que documentos acessórios, elas participam ativamente da construção do universo literário pessoano, revelando processos de seleção, agrupamento e atribuição de sentido.

Como observa Luiz Fernando Ferreira Sá no ensaio “Percursos critico-teóricos das listas na literatura”: “Primitivamente, a lista tem uma função organizadora, ela responde ao instinto de ordem da mente” (SÁ, 2020: 174). Para o pesquisador: “a incompletude da lista ou a sua completude provisional é o que impede que ela tome forma, que seja finalmente construída. Seu acúmulo desordenado sempre significa um suplemento e, portanto, uma falta” (SÁ, 2020: 174-175). Diante desta constatação, Sá afirma que: “A lista é um objeto ao mesmo tempo inacabado e infinito, um *work in progress*, uma obra aberta” – retomando aqui a formulação de Umberto Eco em *Obra aberta* – “e, mesmo se breve, e até mais longa, está do lado da abundância, da tradição retórica chamada *copia verborum*” (SÁ, 2020: 177).

As observações de Luiz Fernando Ferreira Sá são particularmente produtivas para a leitura das listas do *Cancioneiro* de Fernando Pessoa. Os documentos analisados apresentam-se como objetos textuais heterogêneos, variáveis em extensão, forma material e conteúdo, revelando diferentes momentos do processo de organização da poesia ortónima. Mais do que simples inventários estáticos, essas listas configuram espaços móveis de experimentação editorial, continuamente sujeitos a reformulações, acréscimos e deslocamentos. A sua própria incompletude – marcada por títulos alternativos, poemas ausentes, reorganizações e projetos interrompidos – evidencia o caráter processual e aberto do *Cancioneiro* pessoano, entendido menos como obra definitivamente concluída do que como horizonte editorial em permanente construção.

“De um cancioneiro” e as listas

Publicada entre 1924 e 1925, a revista *Athena* foi dirigida por Fernando Pessoa e Ruy Vaz. No terceiro número da revista, surgiu um conjunto de poemas ortónimos antecedido pelo subtítulo “De um cancioneiro”, elemento particularmente significativo no contexto dos projetos editoriais pessoanos. A seleção era composta por catorze poemas: “No entardecer da terra”; “Ó sino da minha aldeia”; “Leve, breve, suave”; “Pobre velha musical”; “Dorme enquanto eu vello...”; “Sol nullo dos dias vãos”; “Trila na noite uma flauta. É de algum | Pastor?”; “Põe-me as mãos nos ombros”; “Manhã dos outros! Ó sol que dás confiança”; “Treme em luz a água”; “Dorme sobre o meu seio”; “Ao longe, ao luar”; “Em toda a noite o somno não veio. Agora”; “Ella canta, pobre ceifeira”.

Entre esses textos encontram-se alguns dos poemas ortónimos mais publicados em vida por Fernando Pessoa, como: “Ó sino da minha aldeia” [O aldeão]; “Ella canta, pobre ceifeira” [A Ceifeira]; “Sol nullo dos dias vãos” [Canção]; “No entardecer da terra” [Canção de outomno] e “Gladio” [D. Fernando, Infante de Portugal]. A recorrência desses poemas em listas e projetos editoriais posteriores sugere que a publicação na *Athena* pode ser entendida como a concretização parcial – e talvez a única realizada em vida – de um *Cancioneiro* pessoano.

A própria seleção dos poemas parece confirmar alguns dos princípios poéticos formulados por Pessoa nos fragmentos teóricos anteriormente citados. Todos os textos privilegiam estruturas breves, forte musicalidade e regularidade sonora, recorrendo amplamente a rimas, aliteraões e assonâncias, perceptíveis em versos como “O vento vago voltou”, “sonho sem sentir” ou “aria alada”. Além disso, o campo lexical dominante reforça a relação entre poesia e música: palavras como “música”, “flauta”, “som”, “soar”, “aria”, “canto” e “voz” atravessam os poemas, contribuindo para a construção de uma atmosfera lírica marcada pela oralidade e pela sugestão melódica. Desse modo, o conjunto publicado sob o subtítulo “De um cancionero” não apenas antecipa os projetos editoriais posteriores, mas também oferece um raro exemplo concreto de como Fernando Pessoa imaginava a articulação entre canção, musicalidade e antologia poética.

Esse subtítulo, que antecede a apresentação dos poemas na *Athena*, sugere que o conjunto publicado constituiria apenas uma parte de uma coletânea mais ampla. Os poemas ali reunidos apareceriam, assim, como fragmentos extraídos de um *Cancioneiro* indeterminado, hipótese que reforça a ideia da existência de outras “canções” e de um projeto antológico mais vasto, apenas parcialmente concretizado em vida por Fernando Pessoa.

No caso das listas presentes no espólio, a análise dos testemunhos estudados permite verificar que algumas delas trazem explicitamente o título *Cancioneiro*, enquanto outras podem ser “relacionáveis” a esse projeto antológico, como observou Jerónimo PIZARRO (2023b: 201). Em conjunto, esses documentos revelam um processo contínuo de organização da poesia ortónima, marcado por reformulações sucessivas e por diferentes tentativas de estruturação editorial.

Entre os aspetos gerais das listas analisadas, destaca-se a presença de sequências de títulos, versos ou *incipit* de poemas atribuídos ao ortónimo, organizados em ordens que raramente obedecem à cronologia dos testemunhos. Trata-se de séries manuscritas ou datilografadas, sem datação exata do conjunto, cuja extensão varia significativamente: da lista mais breve, composta por quatro itens, até à mais extensa, que reúne oitenta e dois títulos, versos ou *incipit*. A diversidade de conteúdos e a instabilidade da ordenação evidenciam a flexibilidade desses objetos textuais, que, embora compartilhem com as listas quotidianas a função primordial de ordenar elementos dispersos, distinguem-se delas pelo seu carácter durável e arquivístico. Conservadas no espólio E3 da Biblioteca Nacional de Portugal e também em coleções particulares – como a coleção Fernando Távora, revelada em 2017 na revista *Pessoa Plural* –, essas listas passaram a integrar o próprio processo de transmissão e construção da obra pessoana.

Mas afinal: o que as listas estudadas podem revelar sobre a obra pessoana?

No caso da produção ortónima, elas dão acesso a seleções realizadas pelo próprio escritor, permitindo conhecer alguns dos planos de publicação associados aos futuros *Cancioneiros*. Sob essa perspetiva, tornam-se particularmente relevantes os

papéis de antologista, editor e também de “auto-antologista”³ desempenhados por Pessoa, conforme expressão utilizada por PIZARRO (2023a). Do ponto de vista quantitativo, os elencos do corpus analisado reúnem um total de 156 poemas ortónimos em língua portuguesa. Os catorze poemas que compõem o subconjunto “De um cancionero”, publicado na *Athena*, figuram entre os textos mais recorrentes das listas estudadas. Observa-se ainda que cinco dos dez poemas ortónimos mais publicados em vida também se encontram entre os mais frequentemente elencados no corpus analisado, o que pode ser entendido como um indício da predileção do escritor por esses textos e da centralidade que ocupavam em seus projetos editoriais.

Das dez listas analisadas, sete são manuscritas e três – [48-34], [48-39] e Col. Fern. Tav. – datilografadas. De maneira geral, os documentos apresentam-se relativamente organizados e limpos, figurando isolados em seus respectivos suportes, com exceção de [48B-25] e [48-34], que contêm outras anotações não diretamente relacionadas com essas coleções de poemas. As restantes listas exibem marcas, sinais gráficos e anotações que acompanham determinados títulos, *incipit* ou versos, sugerindo intervenções de revisão, seleção e ordenação efetuadas pelo próprio Pessoa.

Um exemplo particularmente significativo dessas anotações pode ser observado na lista [48-39^r], na qual alguns poemas aparecem acompanhados de classificações numéricas colocadas após as datas dos textos. Tais indicações parecem corresponder à estrutura formal dos poemas, assinalando o número de versos e de estrofes. Esse aspeto é especialmente relevante, uma vez que a poesia ortónima de Pessoa revela uma preocupação constante com a forma, o ritmo e a musicalidade dos textos selecionados para o(s) seu(s) *Cancioneiro(s)*. As anotações reforçam, portanto, a hipótese de que essas listas não funcionavam apenas como inventários provisórios, mas também como instrumentos de organização estética, através dos quais o escritor avaliava a adequação formal dos poemas ao conjunto que pretendia constituir.

Além disso, a produção ortónima reunida nessas listas apresenta uma ampla variedade temática que a distingue, em certa medida, da escrita heteronímica. Os poemas abordam temas como o sonho, a morte, a passagem do tempo, a memória, a infância, a música e a dor, compondo um universo lírico marcado pela introspeção e pela melancolia reflexiva. Chama atenção, contudo, a relativa ausência do amor, tema central dos cancioneros medievais e da tradição lírica peninsular. Essa ausência parece significativa, sobretudo se considerarmos que Fernando Pessoa frequentemente evita a tematização amorosa tanto na poesia ortónima quanto em grande

³ “Fernando Pessoa foi editor e auto-editor, atendendo a que, por exemplo, editou textos próprios e alheios nas duas revistas que cofundou, *Orpheu* e *Athena*; tradutor e auto-tradutor, levando em conta, por exemplo, as traduções e auto-traduções de Edgar Allan Poe ou d’*O Marinheiro*, respectivamente; mas também foi antologista e auto-antologista, considerando que co-organizou com António Botto, por exemplo, a *Antologia de Poemas Portugueses Modernos* (1944 [1929]) e ao facto de ter revelado, das obras ortónimas e heterónimas, apenas alguns poemas e prosas, insistindo, até, como frisa João Dionísio, em republicar textos já publicados em vez de “pescar” alguns inéditos” (PIZARRO, 2023a: 81)

parte da produção heteronímica. Assim, embora o título *Cancioneiro* evoque uma tradição lírica medieval fundada em cantigas amorosas, os projetos pessoanos deslocam esse modelo para uma poética mais meditativa, musical e existencial.

Os textos agrupados nas listas elaboradas por Fernando Pessoa apresentam, como observa Pedro Sepúlveda, um sentido de conjunto que não existiria sem a ordenação proposta nesses testemunhos. Esse modo de organização é entendido pelo investigador como parte de um gesto constitutivo da própria escrita pessoana, uma vez que, segundo ele, o impulso de ordenar, selecionar e reorganizar textos acompanharia praticamente todos os momentos da trajetória do escritor. As listas não seriam, portanto, simples instrumentos auxiliares ou preparatórios, mas formas de construção da obra, reveladoras de uma poética editorial em permanente elaboração.

Entre os textos selecionados por Fernando Pessoa, verifica-se a predominância de poemas compostos antes de 1914, como já observara Jerónimo Pizarro em relação às listas publicadas no capítulo de *Pensar as Antologias*: “surpreende que tantos poemas do *Cancioneiro*, imaginado por Pessoa, sejam de 1908-1913, isto é, de um período anterior ao ‘dia triunfal’ de 8 de março de 1914” (PIZARRO, 2023a: 99). De facto, do ponto de vista quantitativo, a análise das dez listas confirma a predominância de poemas datados de 1913, seguidos por textos de 1910, 1909, 1908 e 1914, em ordem decrescente de ocorrências no corpus analisado.

Quanto à produção situada entre 1915 e 1935, verifica-se um predomínio de poemas compostos em 1920, 1927, 1926 e 1921, também em ordem decrescente de frequência. Esses dados permitem perceber que os projetos do *Cancioneiro* não se limitavam à recuperação de uma fase inicial da poesia ortónima, embora demonstrem uma valorização particularmente intensa dos textos anteriores ao chamado “dia triunfal”. Tal aspecto parece significativo, sobretudo porque sugere que Pessoa atribuía um lugar central, em seus projetos antológicos, a uma produção frequentemente considerada “pré-heteronímica” ou anterior à consolidação do *drama em gente*.

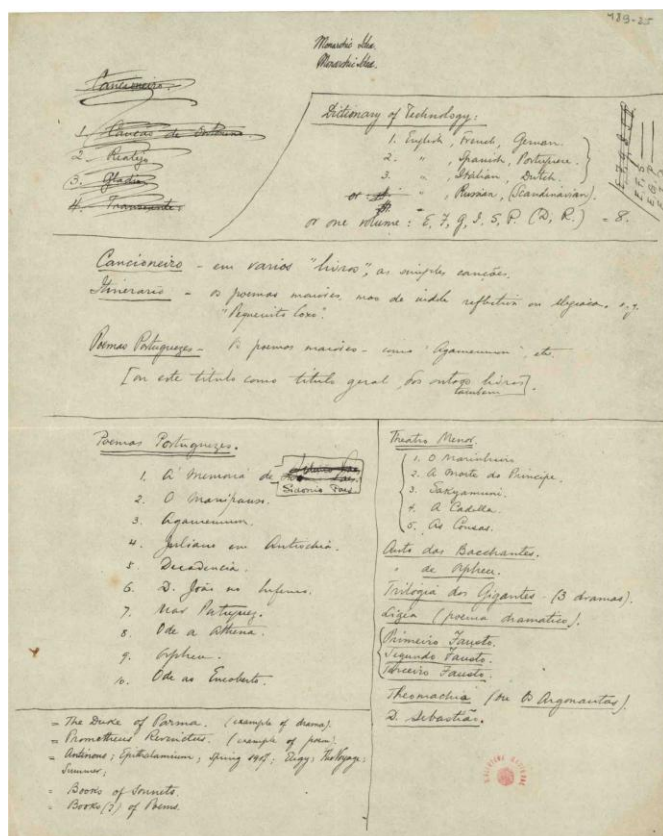
O estudo das listas permite ainda identificar diferentes camadas de seleção textual. Além da recorrência dos poemas mais publicados em vida – e também dos mais frequentemente retomados nas antologias póstumas organizadas por outros editores –, encontram-se numerosos textos inéditos em vida que reaparecem de modo insistente nas listas. Há também poemas citados apenas uma vez nos testemunhos estudados e, por fim, referências a textos não localizados ou ainda inéditos, alguns dos quais vêm sendo identificados no âmbito desta investigação. As listas revelam, assim, não apenas um cânone interno construído pelo próprio Pessoa, mas também zonas de sombra e projetos incompletos da sua produção ortónima.

Importa referir ainda os poemas que não alcançaram a sua “derradeira e perfeita forma” (*apud* CUNHA, 1987: 99), expressão utilizada por João Gaspar Simões e Luís de Montalvor para justificar os critérios de seleção adotados na primeira edição da poesia pessoana publicada pela Ática. O carácter inacabado de certas composições talvez explique a menor recorrência de alguns textos nas listas analisadas, como

ocorre, por exemplo, com “Canção romântica”. Nesse sentido, os testemunhos do Cancioneiro permitem também acompanhar diferentes estados de elaboração da poesia ortónima, tornando visível a tensão entre projeto editorial, seleção autoral e inacabamento textual.

Nesse sentido, pode-se argumentar que o estudo dessas listas contribui para uma compreensão mais ampla dos planos de publicação concebidos por Fernando Pessoa, bem como dos modos de organização, hierarquização e categorização de sua produção ortónima. Mais do que simples documentos preparatórios, tais testemunhos permitem acompanhar os processos através dos quais o escritor pensava a configuração futura de sua obra, revelando critérios de seleção, recorrências temáticas, preocupações formais e possibilidades de articulação entre poemas. Ao mesmo tempo, a análise dessas listas abre caminho para novas leituras e novas configurações editoriais da obra pessoana, recolocando sob outra perspectiva essa “velha questão” – na expressão de Teresa Sobral CUNHA (1987) – dos planeamentos de obras futuras e da relação entre arquivo, edição e projeto autoral.

ESTUDO DAS LISTAS



Lista 1. BNP/E3, 48B-25.

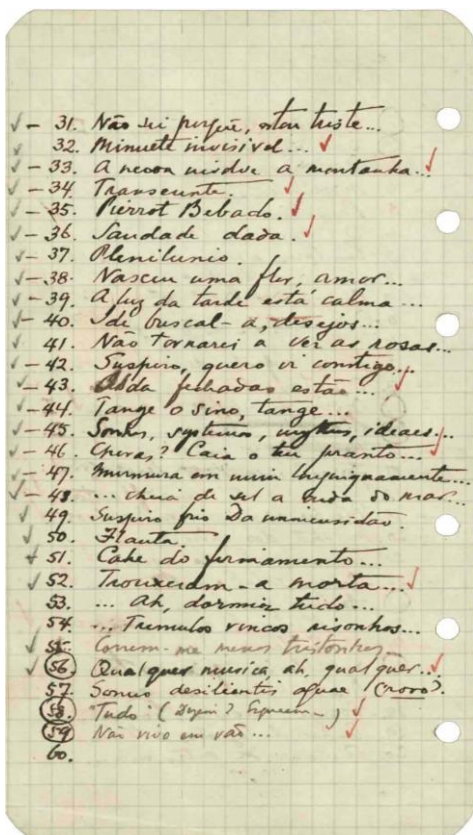
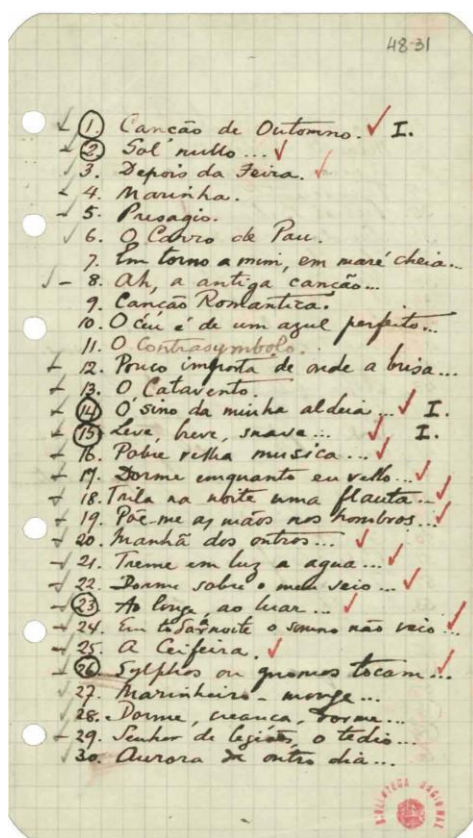
[48B-25^r]
<Cancioneiro>

[48B-25 ^r] Manuscrita	DATA DO POEMA	COTA(S) DO POEMA	COTA(S) DA(S) LISTA
<1. Canção de Outomno> [“No entardecer da terra”]	1-XII-1909	117-19 ^r ; 117-19a ^r ; 117-20 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r] [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
<5. Realejo.> [Pobre velha musica]	12-V-1913	40-30 ^r ; 117-26 ^r ; 117-26a ^r ; 117-27 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r] [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
<3. Gladio> ⁴	21-VII-1913	57-40 ^v ; 121-1 ^r ; 121-2 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r] [Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-36 ^r]; [48-37 ^r]
<4. Transeunte> [Ouço tocar um piano]	21-VIII-1921	42-23 ^r ; 42-46 ^v ; 59-8 ^r	

Nota: Trata-se da lista mais breve do corpus estudado e teria datação provável de 1920 (PIZARRO, 2023a)⁵. Deste conjunto, três dos quatro poemas foram publicados em vida, à exceção de “Transeunte”, que apesar de não ter sido publicado em vida pelo poeta, é um dos poemas mais citados nas listas pesquisadas. O testemunho manuscrito é cheio de anotações e rabiscos e é parte de um dos “múltiplos segmentos textuais” (PIZARRO, 2023b: 306) contemplados pelo documento.

⁴ “Ha também um poema intitulado “Gladio” (“A sombra de todos os luaires”), datado de 31-VIII-1915, com a cota 57A-31” (PIZARRO, 2023a: 92).

⁵ “Dos múltiplos segmentos textuais registados no rosto desta folha, apenas quatro palavras, ao alto e ao centro, não foram transcritas: “Monarchic Idea” e “Monarchic Idea”. Estas listas de projectos serão de c. 1920, tal como 44-47^v, que contém títulos semelhantes e uma descrição mais completa de “Itinerário”. As listas já foram contempladas em várias edições, das quais se podem destacar *Teatro Estático* (2017) e *Fausto* (2018). Zenith resgata, na sua biografia, um dos títulos: “Pessoa drank Only wine and brandy, beginning at lunchtime; his gambling was limited to the purchase of lottery tickets; and his only, unsuccessful attempt at revelry was in a one-act verse play about the hedonistic female votaries of Bacchus, *Auto das Bacantes* (The Bacchantes), which he began writing in 1917 and abandoned in the early 1920s. [docs. 58-57^r to 61. Mostly unpublished, but two passages written in 1917 were transcribed in Teresa Rita LOPES, *Pessoa por Conhecer* [1990, vol. II], 90-92. The play appears in various publishing plans, including one for Olisipo from 1921. Docs. 44-47^r; 48B-25^r; 137A-22^r, Ntbk. 144G-38^r] [<https://purl.pt/13883/1/P103.html>] (ZENITH, 2021: 605)”; cf. PIZARRO (2023b: 307).



Lista 2. BNP/E3, 48-31.

[48-31^{rv}]

[48-31 ^{rv}] Manuscrita	DATA DO POEMA	COTA(S) DO POEMA	COTA(S) DA(S) LISTA
1. Canção de outomno [“No entardecer da terra”]	1-XII-1909	117-19 ^r ; 117-19a ^r ; 117-20 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
2. Sol nullo...	Janeiro, 1920	117-30, 117-31 ⁶	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
3. Depois da feira [Vão vagos pela estrada]	22-V-1927	46-11 ^{v-r} ; 118-43 ^r ;	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]
4. Marinha ⁷ [Ditosos a quem acena]	21-IV-1927	51-61 ^v ; 60-9 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]
5. Presagio [Vinhã, loucas, de preto]	10-IV-1927 ⁸	119-36 ^r	[48-31 ^r]
6. O carro de pau ⁹	26-IV-1926	119-33	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]
7. Em torno a mim, em maré cheia...	26-IV-1926	119-34 ^r	[48-31 ^r]
8. Ah, a antiga canção...	10- VIII-1920	144G-46 ^r ; 144G-45 ^r	[48-31 ^r]
9. Canção Romantica [A noite stá calma]	s.d.	42-11 [inérito]	[48-31 ^r]
10. O céu é de um azul perfeito... ¹⁰	s.d.	45-28 ^r	[48-31 ^r]

⁶ Foram encontrados até o momento cinco testemunhos deste texto: dois testemunhos datilografados, identificados com as cotas [117-30] e [117-31], e três testemunhos impressos: dois, com título (“Canção”), encontram-se, respetivamente, na revista *Ilustração Portuguesa*, n.º 832, de Janeiro de 1922, e no livro colectivo *Cancioneiro* (1930); e outro, sem título, está incluído na sequência de ‘Alguns poemas’ da revista *Athena*, n.º 3, de Dezembro de 1924 (PIZARRO, 2017: 430). No mesmo documento, Pizarro apresenta ainda o manuscrito, até então desconhecido, de “Sol nullo dos dias vãos”, constante no lote 31 da coleção Fernando Távora (2017: 432); ver SOUZA *et al.* (2021: 378).

⁷ “Marinha” aparece como não datado, no livro *Mensagem e poemas publicados em vida*. “Trata-se do poema com o qual Pessoa iniciou, em 1927, a sua colaboração com a revista *Presença*. “Note-se que o testemunho dactilografado tem dois versos (vv. 5-6), com um traço vertical cortado, indicando hesitação; uma variante manuscrita (v. 11) e uma dactilografada (v. 12), que Pessoa não terá introduzido na versão que enviou para a revista *Presença* – versão que não se conserva no espólio de José Régio no Arquivo de Vila do Conde” (PIZARRO, 2017: 340).

⁸ Há uma divergência na datação do poema publicado nas edições da Imprensa Nacional-Casa da Moeda e da Assírio & Alvim: INCM: 10-04-1924; Assírio: 10-04-1927.

⁹ “Um Poema de Fernando Pessoa [O carro de pau]. *Persona*, n.º 8, Porto, Março de 1982, p. 37”. (PIZARRO & SOUSA, 2019: 215).

¹⁰ “Datiloscrito numa metade de uma folha posteriormente cortada e que tem no verso, a lápis, um poema cujo primeiro verso é ‘O céu é de um azul perfeito’” (em PESSOA, 2018: 346).

11. O Contrasymbolo [“Uma só luz sombria o caes”]	30-I-1926	119-32 ^r	[48-31 ^r]
12. Pouco importa de onde a brisa...	29-IX-1926	117-44 ^r ; 52-18 ^v	[48-31 ^r]
13. O Catavento.	28-X-1926	60-3 ^r	[48-31 ^r]
14. Ó sino da minha aldeia... [O aldeão]	8-IV-1911	119-11a; 117-21 ^r ; 117-22a, 22 ^r ; 117-23 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
15. Leve, breve, suave... ¹¹	15-I-1920	117-24 ^r ; 117- 24a ^r ; 117-25 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
16. Pobre velha musica... [Realejo]	12-V-1913	40-30 ^r ; 117-26 ^r ; 117-26a ^r ; 117-27 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r] [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
17. Dorme enquanto eu vello... [Là-Bas]	11/12 ¹² -VII- 1912	39-21 ^r ; 117-28 ^r ; 117-28a ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
18. Trila na noite uma flauta... [Aria Incerta]	19-V-1913	57-25 ^v ; 117-32 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
19. Põe-me as mãos nos ombros...	25-VI-1912	19-16 ^r ; 117-33 ^r ; 117-33a ^r ; 117-34 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
20. Manhã dos outros... [Madrugadas II] ¹³	15-I-1920	117-35 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]
21. Treme em luz a agua...	21-VI-1913	16-37 ^v ; 117-36 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
22. Dorme sobre o meu seio...	28-X-1909	117-37 ^r ; 117-38 ^r ; 117-38a ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]

¹¹ “Publicado em *Poesia 1931-1935 e Não Datada* (PESSOA, 2006: 491), dado que as editoras não localizaram o primeiro testemunho, isto é, aquele datado. Segundo as listas já citadas, 48-38 e 48E-23, está constituído por dois poemas com o mesmo *incipit*” (PIZARRO, 2023a: 93).

¹² Conforme descrição dos materiais da edição de *Mensagem e Poemas Publicados em Vida*: “O presente poema foi acrescentado, em letra miúda, na margem direita, separado do outro por traços de isolamento, primeiro com o título LASSIDÃO, a que o autor deu uma alternativa – LÀ-BAS –, a lápis. Junto ao título, a data 11-7/12, com um 12 escrito abaixo, a lápis, como alternativa do dia” (PESSOA, 2018: 335).

¹³ Parece haver uma incoerência na edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda (2005a) com relação às informações sobre o tríptico “Madrugadas”: “Só o terceiro poema das ‘Madrugadas’ não foi publicado em vida. Os primeiros dois saíram no conjunto ‘De um Cancioneiro’, *Athena*, vol. I, n.º 3, Lisboa, Dezembro de 1924, pp. 81-88” (PESSOA, 2005a: 467). Em outro momento, afirma-se que apenas o 2º poema do tríptico (II – “Manhã dos outros”) teria sido publicado em vida do poeta: “Publicado habitualmente apenas o poema II deste tríptico, o único que chegou a vir a lume em vida de Pessoa, no n.º 3 de *Athena*, em Dezembro de 1924, como parte do conjunto ‘De um Cancioneiro’” (PESSOA, 2005a: 510).

23. Ao longe, ao luar...	6-XI-1924	87-65 ^v ; 117-39 ^r ; 117-39a ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
24. Em toda a noite o somno não veio... [Madrugadas I]	14-I-1920	117-40 ^r ; 117-41 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
25. A Ceifeira ¹⁴ [Ella canta, pobre ceifeira]	1-XII-1914	117-42a ^r ; 117-42 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
26. Sylphos ou gnomos tocam... ¹⁵ [Canção]	25-IX-1914	16-25 ^r ; 16-26 ^r ; 16-27 ^r ; 16-28 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
27. Marinheiro-monge...	27-XI-1924	59-49 ^r ; 34-36; 34-38 ¹⁶	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
28. Dorme, creança, dorme... [Nocturno] ¹⁷	27-I-1909	34-26	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-34 ^r]; [48-38 ^r]
29. Senhor de legiões, o tédio...	15-VI-1921	59-14 ^r	[48-31 ^r]
30. Aurora de outro dia... ¹⁸	15-V-1910	36-32	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-39 ^r]
31. Não sei porquê, estou triste...	15-XI-1908	34-13 ^r ¹⁹ , 65-73 ^r ²⁰	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^v]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
32. Minuete invisível... [Ellas são vaporosas]	c. 1-V-1915	42-19; 117-13	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^v]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
33. A nevoa envolve a montanha... ²¹ [Nevoa]	c. 17-VII-1930	<i>Diário dos Açores</i>	[48-31 ^v]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]

¹⁴ Ver: SOUZA *et al.* (2021).

¹⁵ “Publicado pela primeira vez, em fascículos, in *Folhas de Arte*, 1924. Na cópia enviada pelo autor a Armando Côrtes-Rodrigues em jan. 1915, o poema tem uma primeira redação ligeiramente variante na est.1, v.1: *Elfos* ou gnomos tocam?...” (PESSOA, 2005d: 740).

¹⁶ Conforme PIZARRO (2023a: 97): “Registo este, mas há outros dois testemunhos: um de 1909 (cota: 34-38) e um de 27-XI-1924 (cota: 59-49; cf. PESSOA, 2001: 74-75, 308-309). Emendo a data de 34-36 (27-V-1909 e não 27-VIII-1909) e uma cota (34-38 e não 59-38)”.

¹⁷ “Há também um poema que começa ‘Dorme, creança, dorme’, datado de 16-III-1934, com a cota 33-20. Mas, em princípio, trata-se deste, intitulado ‘Nocturno’; veja-se PESSOA (2000: 265)”; ver: PIZARRO (2023b: 448).

¹⁸ Publicado em 2017; ver PIZARRO (2023a: 92).

¹⁹ O testemunho manuscrito [34-13^r] apresenta na metade de cima os seguintes versos: “Não sei porquê, estou triste | O peso de quanto existe”. Acima dos versos, do lado direito da folha, há a data: 15-11-08.

²⁰ O testemunho manuscrito [65-73^r] traz o título “Fumo”, sublinhado, e não apresenta data do poema. O verso do poema apresenta o que parece ser um projeto datilografado de publicação de um livro, em 3 capítulos, que seria dedicado à administração dos caminhos de ferro.

²¹ “O poema ‘A nevoa envolve a montanha’ foi revelado no artigo ‘Rebello de Bettencourt e Fernando Pessoa: dois poemas publicados no *Diário dos Açores*’” (PIZARRO, 2023b: 199).

34. Transeunte [Ouço tocar um piano]	21-VIII-1921	42-23 ^r , 42-46 ^v , 59-8 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^v]; [48-32 e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-36 ^r]; [48-37 ^r]
35. Pierrot Bebedo. [“Nas ruas da feira”]	17-VIII-1914	117-11 ^r ; 117-12 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^v]; [48-34 ^r]
36. Saudade dada [“Em horas inda louras”]	c. 1917	117-9 ^r ; 117-10 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^v]; [48-34 ^r]
37. Plenilúnio ²² [“As horas pela alameda”]	17-X-1913	41-17a ^r ; 117-8 ^r	[48-31 ^v]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
38. Nasceu uma flor ²³ , amor... [Folha cahida]	15-VII-1910	56-58	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^v]; [48-39 ^r]
39. A luz da tarde está calma...	29-V-1910	36-38	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^v]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]
40. Ide buscal-a, desejos... [Canção]	15-XI-1908	34-6, 66A-43	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^v]; [48-39 ^r]
41. Não tornarei a ver as rosas...	26-II-1920	144G-30 ^r ²⁴	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^v]
42. Suspiro, quero ir contigo...	15-XI-1908 ²⁵	34-8; 34-10	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^v]; [48-39 ^r]
43. Inda fechadas estão... [Abandonada]	14-XI-1908	34-3	[48-31 ^v]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
44. Tange o sino, tange...	19-III-1911	57-6	[48-31 ^v]; [48-39 ^r]
45. Sonhos, systemas, mythos, ideaes...	20-XII-1924	59-51 ^r ; 16-53 ^r -54 ^r	[48-31 ^v]; [48-37 ^r]
46. Choras? ²⁶ Caia o teu pranto...	31-XII-1908	34-25	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^v]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]
47. Murmura em mim longinquamente...	14-VI-1909	35-3 [inédito]	[48-31 ^v]; [48-39 ^r]
48. ...cheia de sol a onda do mar... ²⁷ [MAR. MANHÃ]	16-XI-1909	16-20	[Col. Fern. Távora] [48-31 ^v]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]

²² Apesar de não aparecer na lista de poemas do “Cancioneiro”, da Coleção Fernando Távora, há um testemunho do poema “Plenilúnio” na referida coleção: de “‘Plenilúnio’, que figura na segunda de duas folhas da colecção Fernando Távora com a indicação superior ‘Fernando Pessoa – 4’ e ‘Fernando Pessoa – 5’, existe um testemunho dactilografado no espólio pessoano (Figs. 30 e 31) que se pode confrontar com aquele da colecção Távora (que será anterior)” (PIZARRO, 2017: 356).

²³ Na lista manuscrita [48-31^r], a palavra “flor” aparece sem acento circunflexo. Nas listas da Coleção Fernando Távora e em [48-39], “flôr” aparece acentuada.

²⁴ Na edição crítica a cota 144G-30^r vem acompanhada da palavra *bis*.

²⁵ Veja-se: FERRARI (2012: 5).

²⁶ Na edição da Assírio & Alvim, a primeira palavra do primeiro verso aparece com verbo no infinitivo: “Chorar?” (PESSOA, 2005b:40).

²⁷ Segundo verso da primeira estrofe do poema intitulado “Mar. Manhã”.

49. Suspiro frio Da inmensidão ²⁸			[48-31 ^v]
50. Flauta ²⁹			[48-31 ^v]
51. Cahe do firmamento...	26-X-1919	58-87 ^v	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^v]
52. Trouxeram-a morta... ³⁰	26-V-1915	57A-15 ^v	[48-31 ^v]; [48-32 ^r e 33 ^r]
53. ...Ah, dormir tudo... ³¹	18-V-1923	59-31 ^v ; 66-38	[48-31 ^v]; [48-36 ^r]; [48-37 ^r]
54. ...Tremulos vincos risonhos... ³² [Luminosidade]	13-IX-1915	42-24 ^r	[48-31 ^v]
55. Correm-me menos tristonhos...	5-X-1927	46-15 ^r	[48-31 ^v]
56. Qualquer musica, ah, qualquer...	09-X-1927	51-61 ^v ; 60-9 ^r	[48-31 ^v]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]
57. Sonus desilientes aquae ³³ (novo). [O Andaime]	23-X-1927	60-12 ^r	[48-31 ^v]; [48-32 ^r e 33 ^r];
58. "Tudo" (Dizem? Esquecem...) ³⁴	Dez.1927/ jan.1928	BPMP, M-SER- 930	[48-31 ^v]
59. Não vivo em vão...	8-12-1927	60-19 ^r	[48-31 ^v]
60. □			

²⁸ O título "Suspiro frio Da Inmensidão" não aparece nas edições da Assírio & Alvim, nem da INCM. A presença da partícula "Da" em letra maiúscula, no meio do título presente na lista, pode ser um indicativo do início de outro verso. Poderá ser "Suspiro triste" (BNP/E3, 36-33 e 34), de 15-V-1910?

²⁹ Poema não localizado. Talvez seja o poema "A flauta nocturna", de 1909.

³⁰ O poema é transcrito como "Trouxeram-na morta" na edição da Assírio & Alvim (PESSOA, 2005b: 307). Em *Mensagem e Poemas Publicados em Vida*, o poema aparece em um plano de publicação de composições intituladas "Ficções do interlúdio" (BNP/E3, 117-9^{rv}): "1. Hiemal. | 2. Plenilunio. | 3. Pierrot bêbado. | 4. (As Naus). | 5. ((Belindas...)) | 6. (Trouxeram-a morta) | 7. Serena voz... | 8." (PESSOA, 2018: 290).

³¹ "...Ah, dormir tudo..." é parte do verso "Ah, dormir tudo! Pôr um sono à roda", que é o primeiro verso da terceira estrofe do poema que tem como *incipit*: "Ah, como o somno é a verdade e a única" (PESSOA, 2001: 301).

³² "...Tremulos vincos risonhos" é o primeiro verso da sexta estrofe do poema que tem como título "Luminosidade" (PESSOA, 2005a: 54-55).

³³ "O título 'Sonus desilientes aquae' foi inicialmente atribuído ao poema depois designado 'O Andaime' (45-16^v), de 29-8-1924, que foi publicado em vida (*Presença*, 31-32, 1931). Mas, enquanto ali o título aparece adicionado posteriormente, aqui ele está no mesmo lápis do poema, mostrando ter sido escrito antes: o título preexiste a este texto de 1927" (PESSOA, 2001: 337).

³⁴ "Segundo Carlos Queiroz, Pessoa teria produzido este poemeto em 1926, não fazendo qualquer referência ao mês e ao dia, apenas mencionando que fora durante a tarde. Não sabemos se, na altura, Pessoa passara estas palavras para o papel ou se se limitara a recita-las de cabeça, registando-as mais tarde. O que sabemos é que do poema existem pelo menos mais dois testemunhos (daí as notas de cotejo), e que um se encontra assinado e outro datado, não de 1926, mas de DEZ. 1927 / JAN. 1928" (VIZCAÍNO & PIZARRO, 2018: 287).

Nota: Esta é a segunda lista mais extensa do corpus analisado, sendo superada apenas pelos 82 itens de [48-39]. Reúne 59 poemas listados — o número 60 só aparece assinalado na folha, sem que lhe corresponda qualquer título, verso ou *incipit*. Embora o termo *Cancioneiro* não figure explicitamente no documento, todos os textos elencados pertencem à produção ortónima em língua portuguesa pessoana.

A lista, manuscrita, apresenta numerosas marcações gráficas ao lado dos poemas, como *check marks* colocados antes da numeração de cada item e também após os títulos ou versos registados. Alguns poemas surgem ainda acompanhados, à direita, do número romano I — caso de “Canção de Outomno”, “Ó sino da minha aldeia” e “Leve, breve, suave”. Certos números que estruturam o inventário aparecem circulados, como ocorre nos itens: 1. “Canção de Outomno”; 2. “Sol nullo...”; 14. “Ó sino da minha aldeia...”; 15. “Leve, breve, suave...”; 23. “Ao longe, ao luar...”; 26. “Sylphis ou gnomos tocam...”; 56. “Qualquer música, ah, qualquer...”; 58. “Tudo” (Dizem? Esquecem...); e 59. “Não vivo em vão...”.

As reticências empregadas na lista parecem desempenhar diferentes funções: podem indicar a abreviação de versos — como em “Sol nullo...”, no lugar do *incipit* completo “Sol nullo dos dias vãos” —; assinalar versos que não correspondem ao *incipit* dos poemas, como em “...Ah, dormir tudo...”, referente ao poema iniciado por “Ah, como o somno é a verdade, e a única”, ou “...cheia de sol a onda do mar...”, segundo verso do poema intitulado “Mar. Manhã”; ou ainda identificar poemas sem título fixo, através de seus versos iniciais. Já os poemas que apresentam títulos estabilizados — como “Canção de Outomno”, “Depois da Feira”, “Marinha” e “A Ceifeira” — aparecem seguidos apenas de ponto final.

Os poemas presentes na lista distribuem-se cronologicamente entre 1908 e 1927. Entre os itens 14 e 25, encontram-se doze poemas consecutivos que integraram o conjunto “De um cancioneiro”, publicado na revista *Athena* em 1924. O estudo comparativo do documento evidencia ainda uma forte proximidade entre os poemas elencados em [48-31^r] e na [Col. Fern. Távora]: ao todo, as duas listas partilham 28 poemas em comum, o que sugere afinidades estruturais importantes entre esses projetos de organização da poesia ortónima.

48-32

MAIO 31 SEXTA-FEIRA

1. Sylphos os gnomos tocam?	
2. No entardecer da terra	(1)
3. Elas são vaporosas	
4. Tinha na noite uma planta	(5)
5. Sobre velha música	
6. Tremem em luz a água	
7. Quas? Caia o teu pranto	
8. De-me as mãos nos hombros	
9. Sol mudo dos hois vãos	(2)
10. O' suor da minha aldria	
11. Inda fechadas estas	(4)
12. Tor saudades e vives	
13. Dorme ingrante em vello	
14. Entre a noite que cessa	
15. Marinheiros - muge	
16. Nas oes' fogue' bolam lute	
17. E' ante. Quas. hua pyroana brisa	
18. O Andarim?	
19. Dorme sobre o que se vai	
20. Trouxeram-a morta	
21. Em toda a noite o mundo está vivo. H'ora	
22. Manha do entus! O' sol que se confia	
23. As horas pela cilindrada	
24. Serenamente grande avança	

26/8/1930

NOTAS

Le Não tenho spram, am fei.
 Bem, fosse ao menos, ao pl
 do alumi vegetal,
 esta raga prona pi i
 um phenomeno casual.

Continu' suas acões
 Com parte a intell' gancia
 Torrei a dupla caracena
 De quem pedem as rages
 E não adjuvem a nicaia.

Intervallo anterior
 Entre o que resta - o que em,
 Tiverai todos os valores
 De toda a vida os valores
 As valores em um não tem.

2. nicaia, pua, muge
 Que se amitam a muga
 Torrei de clua que tuga
 + Alguns no fi n' f'antona

48-33

JUNHO 1 SABADO

25. Ela canta, pohe ceifeiro	
26. Ao longe, ao luar	
27. A neve envolve a montanha	
28. Vai leve a sancha	
29. A luz da tarde está calma	
30. Oua torar um piano, e ao fundo	
31. Vao raga pela estrada	
32. No valle umbroso, como	
33. Lera, lura, suava	
34. Vin do fundo do campo, da hora	
35. O rolar da tarde beija	
36. Qualquer musica, ab, galopar?	(3)
37. Dilosos a quem acena	
38. Ah, sentir tudo de todos	(1)
39. Gromos do luar que faz alor	
40. O cara de pau	
41. Educa o vento nos arredos	
42. Chua, de lirios	
43. Por esta rua ao fim da rua e' cen e' roxa	
44. A uenaca louca (mte apesada)	
45. No planis abundancia	
46. Puzeram-o contra a parede	

JUNHO 2 DOMINGO

1 x 3 = 3	3 - 1, 4, 7	0 0 0
2	6	2 4 2
3	9	4, 0, 8
4	12	
5	15	
6	18	
7	21	
8	24	
9	27	

x 2	2	5	5	5
	4	1	10	1
	6	6	15	6
	8	2	20	2
	10 = 1	3	25	7
	12 = 3	4	30	3
	14 = 5		35	8
	16 = 7		40	4
	18 = 9		45	9

7 6 0 8 1 2 3 4 5 6 7 8 9

7 6 0 8 1 2 3 4 5 6 7 8 9

Lista 3. BNP/E3, 48-32 e 33.

[48-32^r e 33^r]

[48-32 ^r e 33 ^r] Manuscrita	DATA DO POEMA	COTA(S) DO POEMA	COTA(S) DA(S) LISTA
1. Sylphos ou gnomos tocam? [Canção]	25-IX-1914	16-25 ^r ; 16-26 ^r ; 16-27 ^r ; 16-28 ^r ;	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
2. No entardecer da terra [Canção de Outomno]	1-XII-1909	117-19; 117-19a; 117-20	[48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
3. Ellas são vaporosas [Minuete invisível]	c. 1-V-1915	42-19; 117-13	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
4. Trila na noite uma flauta [Aria Incerta]	19-V-1913	57-25 ^v ; 117-32 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
5. Pobre velha musica [Realejo]	12-V-1913	40-30 ^r ; 117-26 ^r ; 117-26a ^r ; 117-27 ^r	[48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
6. Treme em luz a agua	21-VI-1913	16-37 ^v ; 117-36 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
7. Choras? Caia o teu pranto	31-XII-1908	34-25	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r] [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r];
8. Põe-me as mãos nos hombros	25-VI-1912	19-16 ^r ; 117-33 ^r ; 117-33a ^r ; 117-34 ^r	[48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r];
9. Sol nullo dos dias vãos	janeiro, 1920	117-30 e 117-31	[48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r] [Col. Fern. Távora];
10. Ó sino da minha aldeia [O aldeão]	8-IV-1911	119-11a; 117-21 ^r ; 117-22a, 22 ^r ; 117-23 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r];
11. Inda fechadas estão [Abandonada]	14-XI-1908	34-3	[48-38 ^r]; [48-39 ^r] [48-32 ^r e 48-33 ^r] [48-35 ^r] [Col. Fern. Távora];
12. Ter saudades é viver	27-VII-1930	17A-4 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [48-32 ^r e 33 ^r] [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r];
13. Dorme enquanto eu vello [Là-bas]	11/12-VII- 1912	39-21 ^r ; 117-28 ^r ; 117-28a ^r	[48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [48-32 ^r e 33 ^r] [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r];
14. Entre a noite que cessa	24-VIII-1930	60A-27 ^r	[48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
15. Marinheiro-monge	27-XI-1924	59-49 ^r ; 34-36; 34-38	[48-31 ^r]. [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
16. Não sei porquê, estou triste	15-X-1908	34-13, 65-73	[48-31 ^r]. [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]

17. É noite. Chove. Uma pequena brisa ³⁵ [Horario]	18-IX-1920	119-6 ^r	[48-32 ^r e 33 ^r]
18. /O Andaime/ [Sonus desilientes aquae ³⁶]	2-VIII-1924	45-16	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]
19. Dorme sobre o meu seio	28-X-1909	117-37 ^r ; 117-38 ^r ; 117-38a ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]
20. Trouxeram-a morta	26-V-1915	57A-15 ^v	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]
21. Em toda a noite o somno não veio.	14-I-1920	117-40 ^r ; 117-41 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
Agora [Madrugadas I]			
22. Manhã dos outros! Ó sol que dás confiança [Madrugadas II]	15-I-1920	117-35 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]
23. As horas pela alameda [Plenilúnio]	17-X-1913	41-17a ^r ; 117-8 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
24. Serenamente grande avança ³⁷ [Mar. Manhã]	16-XI-1909	16-20	[Col. Fern. Távora] [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
25. Ella canta, pobre ceifeira ³⁸ [A Ceifeira]	1-XII-1914	117-42a ^r ; 117-42 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r] [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
26. Ao longe, ao luar	6-XI-1924	87-65 ^v ; 117-39 ^r ; 117-39a ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
27. A nevoa envolve a montanha [Nevoa]	17-VII-1930	<i>Diário dos Açôres</i>	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]
28. Vae leve a sombra ³⁹	29-IX-1911	120-24 ^r	[48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]

³⁵ Este poema aparece apenas nesta lista. O *incipit* anotado por Fernando Pessoa na referida lista “É noite. Chove. Uma pequena brisa” é diferente do que aparece na edição crítica da INCM e na edição de Silva, Freitas e Dine (PESSOA, 2005c): “Cai chuva. É noite. Uma pequena brisa”.

³⁶ O primeiro verso do poema é “Som breve da água” (PESSOA, 2001: 109).

³⁷ “O poema 24, ‘Serenamente grande avança’, deve ser ‘Mar. Manhã’, que começa de maneira algo diferente no testemunho conhecido (16-20^r): ‘Suavemente grande avança’, com data de 16 de Novembro de 1909 e fac-similado no livro de Jorge NEMÉSIO (1957: 5), *Os Inéditos de Fernando Pessoa*” (PIZARRO, 2023b: 197). O poema “Mar. Manhã” também aparece na lista [48-31], mas pelo *incipit*: “...cheia de sol a onda”.

³⁸ Os poemas elencados a partir do item 25 (do 25^o ao 46^o), estão inseridos no suporte correspondente à cota [48-33^r].

³⁹ “São vários os testemunhos que partilham a imagem ‘Vae leve a sombra’. O mais antigo é 274A (38-35^r), de 19-9-1911, onde se define uma estrofe inicial que os outros poemas mais ou menos retomam. O segundo em data é 274B (57A-80^v), um fragmento de 9-12-1914. O terceiro, 274C, é um poema sem data (120-23^r), que tanto pode ser anterior como posterior ao presente 274, que publico como cabeça da série por ser o mais recente dos datados, 3-8-1930. Trata-se de um manuscrito a tinta preta em folha de papel de quadrícula caligráfica, de caderno. Data sublinhada, no canto superior direito. Na parte inferior da página, separado por traço a tinta preta, o poema 275; no verso da folha está o poema 276” (PESSOA, 2001: 403).

29. A luz da tarde está calma	29-V-1910	36-38	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]
30. Ouço tocar um piano, e ao fundo [Transeunte]	21-VIII-1921	42-23 ^r , 42-46 ^v , 59-8 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-32 e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-36 ^r]; [48-37 ^r]
31. Vão vagos pela estrada [Depois da Feira]	22-V-1927	26-11 ^{v-r} ; 118-43	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]
32. No valle umbroso, como	24-VIII-1930	60A- 28 ^r	[48-32 ^r e 33 ^r]
33. Leve, breve, suave	15-I-1920	40-30; 117-26 ^r ; 117-26a ^r ; 117-27 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
34. Vem do fundo do campo, da hora [Melodia triste sem pranto,]	24-VIII-1930	120-37 ^r	[48-32 ^r e 33 ^r]
35. O orvalho da tarde beija [Abendlied] ⁴⁰	15-XI-1908	34-7	[48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]
36. Qualquer musica, ah, qualquer <?> ⁴¹	9-X-1927	51-61 ^v ; 60-9	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]
37. Ditosos a quem acena [Marinha]	21-IV-1927	51-61 ^v ; 60-9 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]
38. Ah, sentir tudo de todos	27-VIII-1930	120-42 ^r	[48-32 ^r e 33 ^r]
39. Gnomos do luar que faz selvas ⁴²	26-VIII-1930	120-42 ^r	[48-32 ^r e 33 ^r]
40. O carro de pau	26-IV-1926	119-33	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]

⁴⁰ Traduzido do alemão, "Abendlied" significa Canção da noite. "Consta da lista 48C-38, com a indicação do conjunto *Itinerário*" (PESSOA, 2005b: 446).

⁴¹ Este é o único poema da lista que aparece acompanhado de um sinal indicativo de dúvida: "<?>". Outra marca distintiva deste poema na lista é o número 3, que aparece no suporte ao lado de uma coluna, na mesma linha do título do poema.

⁴² "Na edição de 1960, segue-se a lição de Jorge Nemésio, que apresenta o poema 'Melodia triste sem pranto' com três estrofes (PESSOA, 1956: 165; PESSOA, 1960: 516) e o poema 'Gnomos do luar que faz selvas' com cinco estrofes (PESSOA, 1956: 177-178; PESSOA, 1960: 520); na edição de 1965, Galhoz inter-vém, dividindo 'Melodia triste sem pranto,' em dois poemas ('Melodia triste sem pranto,' e 'Vem do fundo do campo, da hora,', o segundo correspondendo à segunda e terceira estrofes da edição anterior) e 'Gnomos do luar que faz selvas' também em dois poemas ('Gnomos do luar que faz selvas' e 'Ah sentir tudo de todos os feitios', o segundo correspondendo à penúltima estrofe do poema conforme dado em Nemésio, enquanto que as três primeiras e a quinta são reunidos)" (SOUSA, 2021: 167).

41. Soluça o vento nos arvoredos ⁴³ [Intervenção cirúrgica] ⁴⁴	10-XI-1914	57A-68	[48-32 ^r e 33 ^r]; [48-36 ^r]
42. Cheia de lírios [Manibus date lilia plenis] ⁴⁵	10-I-1913	57-30 [inérito]	[Col. Fern. Távora] [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]
43. Por esta rua ao fim da qual o ceu é roxo			[48-32 ^r e 33 ^r]
44. A creança loura (with epigraph) [Tomámos a vila depois dum intenso bombardeamento] ⁴⁶	21-VI-1929	118-57 ^r ; 118-58 ^r	[48-32 ^r e 33 ^r]
45. No Plaiño abandonado [O menino da sua mãe] ⁴⁷	Maio, 1926	Revista <i>Contemporânea</i>	[48-32 ^r e 33 ^r]
46. Puzeram-o contra a parede	26-VIII-1930	46-49 ^r	[48-32 ^r e 33 ^r]

⁴³ “Alguns destes prato-poemas por nós rejeitados, mas justificadamente editados. no âmbito de recentes edições críticas, não deixam por isso de merecer referência. É o caso de INTERVENÇÃO CIRÚRGICA (testemunho 57A-68^{r e v}), que, apesar de se pressagiar como um interessante poema (de 10-11-1914), fitou, de facto, abortado na sua globalidade, tantas são as lacunas e as palavras-frases ilegíveis. Ficaram-nos, porém, estrofes completas, como a primeira e a quarta que, de algum modo, nos fazem lamentar a seu estágio de incompletude” (PESSOA, 2006: 604).

⁴⁴ Há uma peça de teatro com esse título: “‘O Amor’ é, como o próprio título anuncia, uma peça centrada no tema do amor, mas este não é caso único na obra de Pessoa: no *Teatro Estático*, Pessoa aborda o mesmo tema em duas peças: ‘Diálogo no Jardim do Palácio’, de 1914, e ‘Intervenção Cirúrgica’, de 1934” (em PESSOA, 2017: 671).

⁴⁵ “A palavra *Manibus* surge abreviada no título. Tudo indica, no entanto, tratar-se de uma citação das palavras de Anquises em louvor de Marcelo, sobrinho de Ocraviano (*Eneida*, VI, 883), retomadas por Dante na *Divina Comédia* (Aparição de Beatriz, Purgatório, Canto XXX). O autor hesitou em relação ao lugar que a estrofe 9 devia ocupar, escrevendo ao lado, em inglês, ‘where’” (PESSOA, 2005b: 454).

⁴⁶ “‘Tomámos a vila depois de um intenso bombardeamento’ está datado no original manuscrito de 21-6-1929 (BNP/E3, 118-57^r)” (BARRETO, 2014: 163).

⁴⁷ “Como aponta Luiz Fagundes Duarte (in PESSOA, 2018c: 345), não há conhecimento de manuscritos autógrafos relacionados à gênese desse texto, publicado em maio de 1926 na revista *Contemporânea*, em novembro de 1928 n’*O Notícias Ilustrado* e, em 1930, no *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*” (SOUZA, MENEZES, XAVIER, 2021: 385).

Nota: Esta lista manuscrita apresenta-se bastante limpa, sem rasuras ou correções visíveis, e contém poucas marcas gráficas associadas aos poemas elencados. No caso de “Qualquer musica, ah, qualquer <?>”, observa-se a presença de um ponto de interrogação entre dois sinais gráficos, o que pode indicar hesitação quanto à inclusão do poema na lista. O texto, publicado na revista *Presença* em 1927, surge ainda em outras duas listas do corpus analisado.

Outra marcação relevante corresponde a uma numeração não sequencial inserida à direita da coluna principal do suporte, alinhada com seis poemas específicos: “2. No entardecer da terra (1)”; “3. Ellas são vaporosas (5)”; “9. Sol nullo dos dias vãos (2)”; “11. Inda fechadas estão (4)”; “36. Qualquer musica, ah, qualquer (3)”; “38. Ah, sentir tudo de todos (1)”. Como se pode observar, embora haja seis poemas assinalados, aparecem apenas cinco números distintos, já que o número 1 é atribuído a dois textos diferentes. A função exata dessa numeração permanece incerta, mas ela sugere algum tipo de classificação interna ou tentativa de ordenação suplementar dos poemas selecionados.

A lista pode ser situada, provavelmente, na década de 1930, uma vez que os poemas nela reunidos distribuem-se cronologicamente entre 1908 e agosto de 1930. Dos 46 textos elencados, 26 foram publicados em vida por Fernando Pessoa, enquanto 20 permaneceram inéditos durante a vida do escritor. Entre estes últimos, dez aparecem exclusivamente nesta lista: “Entre a noite que cessa”; “Cai chuva. É noite. Uma pequena brisa”; “No valle umbroso, como”; “Vem do fundo do campo, da hora”; “Ah, sentir tudo de todos”; “Gnomos do luar que faz selvas”; “Por esta rua ao fim da qual o céu é roxo”; “A creança loura (with epigraph)”; “No plaino abandonado”; e “Puzeram-o contra a parede”.

Chama atenção o fato de os três últimos poemas mencionados abordarem temáticas relacionadas à guerra⁴⁸ – “A creança loura (with epigraph)”, “No plaino abandonado” e “Puzeram-o contra a parede” –, aspecto relativamente pouco frequente na poesia ortónima mais associada aos projetos do *Cancioneiro*. A presença desses textos amplia o horizonte temático da seleção e sugere que os critérios de organização das listas não se limitavam apenas à musicalidade ou à brevidade lírica, incorporando também composições marcadas por uma dimensão histórica e trágica.

⁴⁸ “O poeta Fernando Pessoa preocupa-se com a dor humana, com as vítimas inocentes que a guerra faz, com o absurdo das mortes vãs e com a monstruosa desumanidade que a guerra desperta nos homens. Tenhamos em mente trechos da ‘Ode Marcial’ de Álvaro de Campos ou os poemas do ortônimo como ‘O menino de sua mãe’ e ‘Tomámos a vila depois de um intenso bombardeamento’” (BARRETO, 2014: 163). O autor não menciona, porém, o poema de 1930, composto por quatro estrofes de quatro versos, intitulado: “Puzeram-o contra a parede”. Nele, a voz do poema apresenta uma figura que passa a não ver mais os soldados, depois de receber uma venda nos olhos, no momento em que seria vítima do fuzilamento: “Puzeram-o contra a parede | Com os olhos vendados | (O traidor cahira na rede.) | Deixa de ver os soldados” (PESSOA, 2001: 202).

190-15 170^m = 14 4834

CANCIONEIRO.

□ 24 = 14 y. 2 m (Aug. 2)
 □ 25 = 15 y. 10 m. = 19.4 (paul)

1. "Treme em luz a água".
2. Lá-Bas.
3. "Sylphos ou gnomos tocam?"
4. Minuete Invisível.
5. Realejo.
6. Aria Incerta.
7. Pierrot Bebado.
8. Saudade Dada.
9. "Dorme, criança, dorme."
10. Canção de Outono.
- 11.

31.2^m
 374
 37 37
 18

br Aug. / Sept 1919 26. in 1918

Transito:

to 44 = 62° = 620 m = 51 y. 8 m.
 5 = 64° = 640 m = 53 y. 4 m.
 to. An. = 81° = 810 m = 67 y. 6 m.

1.0 at 48 5 D
 at 57 5 D

9
 6

330^m = 277

24 = 44
 44 = 64
 64 = 84
 84 = 104
 104 = 124
 124 = 144
 144 = 164
 164 = 184
 184 = 204
 204 = 224
 224 = 244
 244 = 264
 264 = 284
 284 = 304
 304 = 324
 324 = 344
 344 = 364
 364 = 384
 384 = 404
 404 = 424
 424 = 444
 444 = 464
 464 = 484
 484 = 504
 504 = 524
 524 = 544
 544 = 564
 564 = 584
 584 = 604
 604 = 624
 624 = 644
 644 = 664
 664 = 684
 684 = 704
 704 = 724
 724 = 744
 744 = 764
 764 = 784
 784 = 804
 804 = 824
 824 = 844
 844 = 864
 864 = 884
 884 = 904
 904 = 924
 924 = 944
 944 = 964
 964 = 984
 984 = 1004

35 ym = 420
 42
 1723

34° = 340 m = 28 y 4 m (Oct. 1916)
 (10 y 10 m)

Lista 4. BNP/E3, 48-34.

[48-34^r]
Cancioneiro

[48-34 ^r] ⁴⁹ Datilografada	DATA DO POEMA	COTA(S) DO POEMA	COTA(S) DA(S) LISTA
1. “Treme em luz a agua.”	21-VI-1913	16-37 ^v ; 117-36 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
2. Là-Bas. [Dorme enquanto eu vello...]	11/12- VII- 1912	39-21 ^r ; 117-28 ^r ; 117-28a ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
3. “Sylphos ou gnomos tocam?” [Canção]	25- IX-1914	16-25 ^r ; 16-26 ^r ; 16-27 ^r ; 16-28 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
4. Minuete invisível. [Ellas são vaporosas]	c.1-V-1915	42-19; 117-13	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
5. Realejo. [Pobre velha musica]	12-V-1913	40-30 ^r ; 117-26 ^r ; 117-26a ^r ; 117-27 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
6. Aria Incerta. [Trila na noite uma flauta]	19-V-1913	57-25 ^v ; 117-32 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
7. Pierrot Bebado. [“Nas ruas da feira”]	17-VIII-1914	117-11 ^r ; 117-12 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-34 ^r]
8. Saudade Dada. [“Em horas inda louras”]	c. 1917	117-9 ^r ; 117-10 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-34 ^r]
9. “Dorme, creança, dorme.”	27-I-1909	34-26	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-34 ^r]; [48-38 ^r]
10. Canção de Outomno. [No entardecer da terra]	1-XII-1909	[117-19 ^r ; 117- 19a ^r ; 117-20 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-34 ^r]; [48-3 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
11. □			

Nota: Assim como em [48B-25^r], esta lista apresenta explicitamente o título *Cancioneiro*. Numerada de 1 a 11, reúne, contudo, apenas dez poemas. Os textos mais antigos remontam a 1909, enquanto os mais recentes datam de 1917. Não há poemas inéditos no conjunto, e todos os textos elencados aparecem em mais de uma das listas ora analisadas.

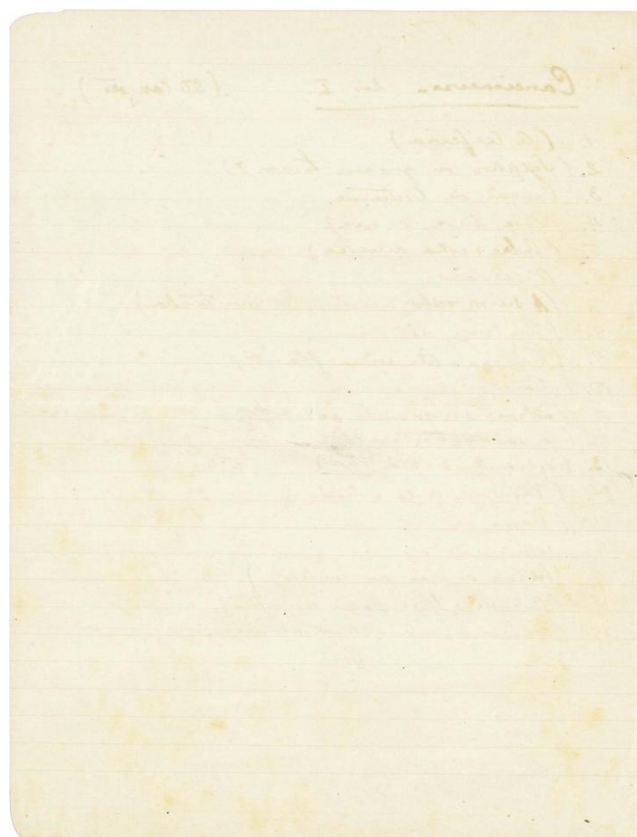
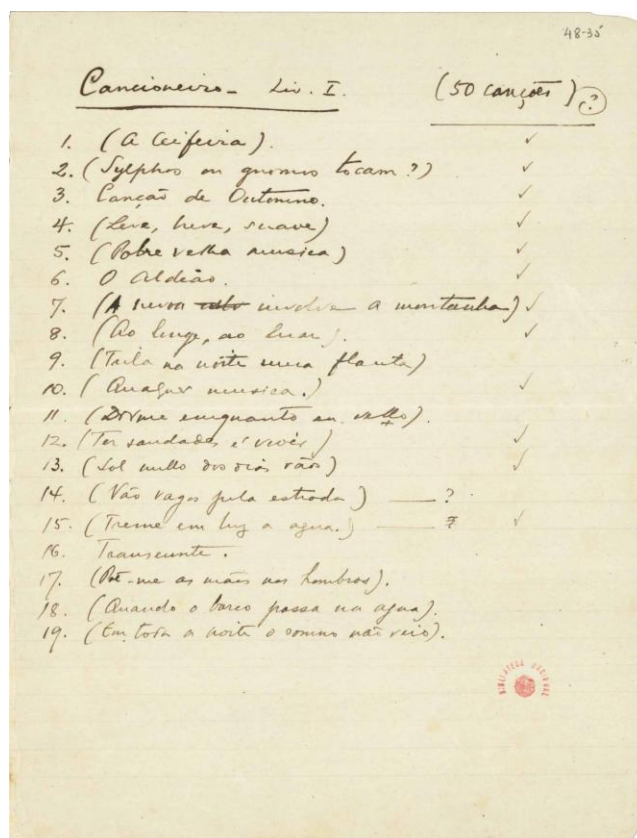
O testemunho [48-34^r] contém numerosas anotações a lápis que não mantêm relação direta com os poemas selecionados, tratando-se, segundo observa Jerónimo

⁴⁹ Testemunho impresso e transcrito por PIZARRO em (2023b: 198): “Nota. Trata-se de meia folha de papel datilografada na metade superior do rosto e depois utilizada para numerosos cálculos astrológicos referentes ao ‘Kaiser’, isto é, ao Imperador da Alemanha e Rei da Prússia, Guilherme II (1859-1914). Veja-se o capítulo dedicado ao Kaiser em *Cartas Astrológicas* (CARDOSO e PIZARRO, 2011: 158-165)”.

PIZARRO (2023b: 198), de “cálculos astrológicos referentes ao ‘Kaiser’”. A coexistência dessas anotações com a lista poética evidencia a sobreposição de usos característica de muitos documentos do espólio de Fernando Pessoa, nos quais reflexões literárias, apontamentos ocasionais e interesses esotéricos frequentemente compartilham o mesmo suporte material.

Dos dez poemas listados, nove foram publicados em vida pelo autor, à exceção de “Dorme, creança, dorme”. Seis integrariam posteriormente o conjunto “De um cancionero”, publicado na revista *Athena* em 1924. Já “Minuete Invisível”, “Pierrot Bebado” e “Saudade Dada” pertencem ao conjunto “Ficções do interlúdio”, publicado no número único da revista *Portugal Futurista*, em 1917. A presença simultânea desses poemas sugere aproximações entre diferentes núcleos da produção ortónima pessoana, indicando que os projetos do *Cancioneiro* dialogavam também com experiências poéticas vinculadas ao interseccionismo e ao modernismo mais de tipo vanguardista.

Os poemas correspondentes aos itens 1, 3 e 9 aparecem entre aspas, por serem identificados através de seus *incipit*, enquanto os restantes são apresentados pelos respetivos títulos. Para além dessas aspas, a lista não contém marcas gráficas, correções ou sinais adicionais, distinguindo-se pela sobriedade e relativa estabilidade de sua apresentação material.



Lista 5. BNP/E3, 48-35.

[48-35^r]
Cancioneiro – Liv. I.

[48-35 ^r] ⁵⁰ Manuscrita	DATA DO POEMA	COTA(S) DO POEMA	COTA(S) DA(S) LISTA
1. /A Ceifeira/ [Ella canta, pobre ceifeira]	1-XII-1914	117-42a ^r ; 117-42 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
2. /Sylphos ou gnomos tocam?/ [Canção]	25-IX-1914	16-25 ^r ; 16-26 ^r ; 16-27 ^r ; 16-28 ^r ;	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
3. Canção de outomno [No entardecer da terra]	1-XII-1909	117-19 ^r ; 117-19a ^r ; 117-20 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
4. /Leve, breve, suave/	15-I-1920	117-24 ^r ; 117-24a ^r ; 117-25 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
5. /Pobre velha musica/ [Realejo]	12-V-1913	40-30 ^r ; 117-26 ^r ; 117-26a ^r ; 117-27 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
6. O aldeão [Ó sino da minha aldeia]	8-IV-1911	119-11a; 117-21 ^r ; 117-22a, 22 ^r ; 117-23 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
7. /A nevoa <inol> envolve a montanha/ [Nevoa]	c. 17-VII-1930	<i>Diário dos Açôres</i>	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]
8. /Ao longe, ao luar/	6-XI-1924	87-65 ^v ; 117-39 ^r ; 117-39a ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
9. /Trila na noite uma flauta/ [Aria Incerta]	19-V-1913	57-25 ^v ; 117-32 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
10. /Qualquer musica/	09-X-1927	51-61 ^v ; 60-9 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]
11. /Dorme enquanto eu vello/ [Là-bas]	11/12-VII- 1912	39-21 ^r ; 117-28 ^r ; 117-28a ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
12. /Ter saudades é viver/	27-VII-1930	17A-4 ^r	[48-32 ^r e 48-33 ^r] [48-35 ^r]
13. /Sol nullo dos dias vãos/	Janeiro, 1920	117-30 e 117-31	[Col. Fern. Távora] [48-32 ^r e 48-33 ^r] [48-35 ^r]; [48-38 ^r];
14. /Vão vagos pela estrada/ – ? [Depois da feira]	22-V-1927	26-11 ^{v-r} ; 118-43	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]

⁵⁰ Nota. “Esta lista de poemas, manuscrita a tinta preta (já acastanhada) numa folha de papel com pautas tênues, devia ter contido um total de cinquenta poemas, isto é, os necessários para um primeiro ‘livro’ de ‘50 canções’. Pessoa elencou dezanove. O poema ‘A nevoa envolve a montanha’ foi revelado no artigo ‘Rebello de Bettencourt e Fernando Pessoa: dois poemas publicados no *Diário dos Açores*’ (ROSA, 2012). ‘Ter saudades é viver’ está datado de 27 de Julho de 1930 (17A-4^r)’ (PIZARRO, 2023b: 199)

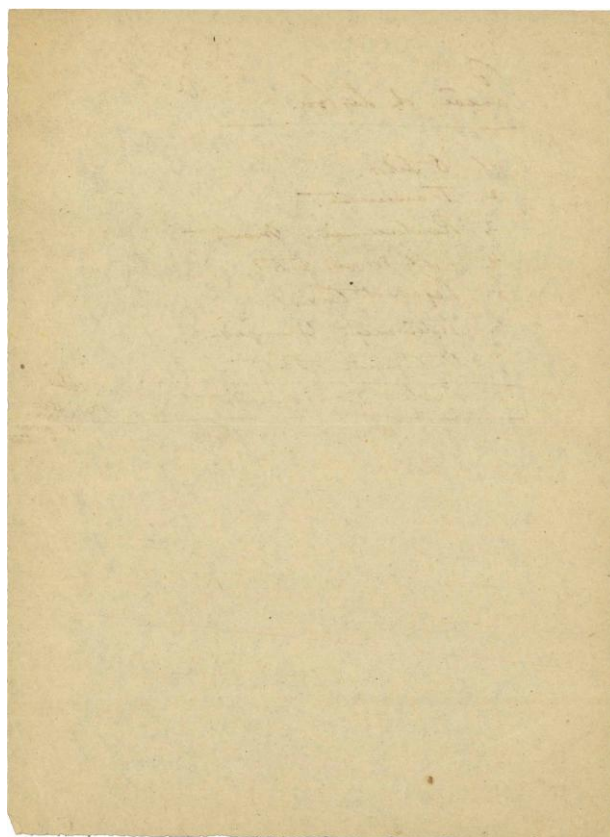
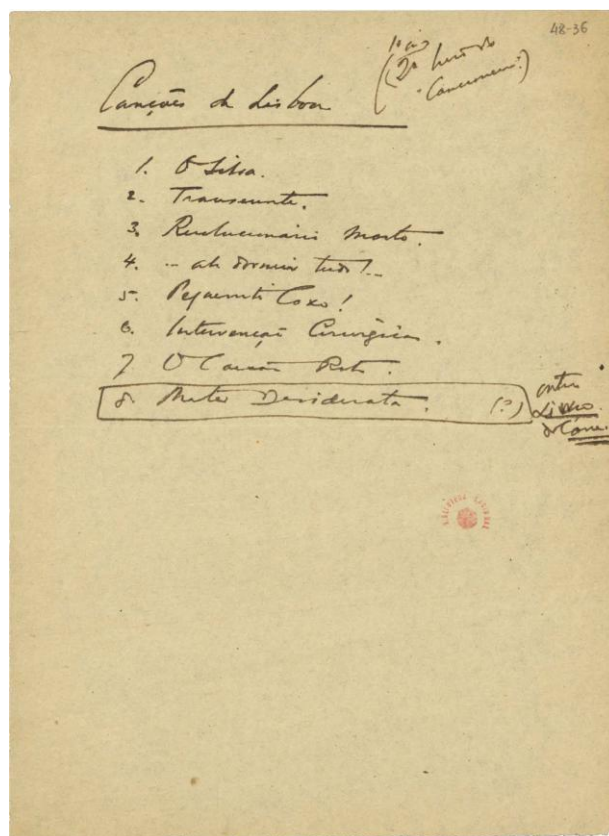
15. /Treme em luz a agua/ – <?>	21-VI-1913	16-37 ^v ; 117-36 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
16. Transeunte [Ouço tocar um piano]	21-VIII-1921	42-23 ^r , 42-46 ^v , 59-8 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r] [48-31 ^r]; [48-35 ^r]; [48-36 ^r]; [48-37 ^r]
17. /Põe-me as mãos nos hombros/.	25-VI-1912	19-16 ^r ; 117-33 ^r ; 117-33a ^r ; 117-34 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
18. /Quando o barco passa na agua/. [Aguarella]	6-XI-1928	119-57 ^v	[48-35 ^r]
19. /Em toda a noite o somno não veio/. [Madrugadas I]	14-I-1920	117-40 ^r ; 117-41 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]

Nota: A lista manuscrita [48-35^r], que reúne 19 poemas, parece ter sido inicialmente concebida para conter talvez “(50 canções)?”, conforme anotação localizada no canto superior direito da folha. Tal como ocorre em [48B-25^r] e [48-34^r], o documento apresenta explicitamente o título *Cancioneiro*, reforçando sua vinculação aos projetos antológicos da poesia ortónima de Fernando Pessoa.

Dos 19 poemas elencados, 16 foram publicados em vida do escritor. Entre eles, 11 integrariam o conjunto “De um cancionero”, publicado na revista *Athena*; três seriam impressos na *Presença*; e um no *Diário dos Açores*. Apenas três textos permaneceram inéditos em vida: “Ter saudades é viver”, “Transeunte” e “Quando o barco passa na água”. Este último merece destaque por surgir exclusivamente nesta lista dentro do corpus analisado, o que pode indicar um interesse pontual do autor pelo poema ou a sobrevivência fragmentária de determinados projetos editoriais.

Cronologicamente, o poema mais antigo da lista é “Canção de Outomno”, datado de 1909, enquanto os mais recentes remontam a 1930: “A nevoa envolve a montanha” e “Ter saudades é viver”. O documento apresenta-se bastante limpo e sem rasuras, embora contenha diferentes sinais gráficos que sugerem processos de seleção ou revisão. Tal como em [48-31^r], aparece o sinal *check mark*, colocado à direita de 12 dos 19 poemas listados. Observam-se ainda barras laterais antes e depois dos títulos ou *incipit* dos textos, à exceção de “O aldeão” e “Transeunte”, que não apresentam tais marcações.

Além disso, os poemas correspondentes aos itens 14 e 15 surgem acompanhados de pontos de interrogação, sinal recorrente nas listas de planeamento e nos projetos editoriais pessoanos. Embora a função exata dessas marcas permaneça incerta, elas parecem indicar hesitação, revisão ou dúvida quanto à inclusão definitiva dos textos no conjunto projetado. Nesse sentido, a lista evidencia mais uma vez o caráter processual e aberto do *Cancioneiro* pessoano, constantemente sujeito a reformulações e reorganizações.



Lista 6. BNP/E3, 48-36.

[48-36^r]
Canções de Lisboa ([1^o ou] 2^o livro do “Cancioneiro”)

[48-36 ^r] ⁵¹ Manuscrita	DATA DO POEMA	COTA(S) DO POEMA	COTA(S) DA(S) LISTA
1. O Silva. [Morreu o filho do barbeiro] ⁵²	28-III-1934	62-18a ^v ; 48-36 ^r e 48-37 ^r	[48-36 ^r]; [48-37 ^r]
2. Transeunte. [Ouço tocar um piano]	21-VIII-1921	42-23 ^r , 42-46 ^v , 59-8 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-36 ^r]; [48-37 ^r]
3. Revolucionario morto ⁵³ .	18-II-1913	57-31, 31 ^v e 32	[48-36 ^r]; [48-37 ^r]
4. ...ah, dormir tudo!...	18-V-1923	59-31 ^v ; 66-38	[48-31 ^r]; [48-36 ^r]; [48-37 ^r]
5. Pequenito Coxo!			[48-36 ^r]; [48-37 ^r]
6. Intervenção Cirurgica.	10-XI-1914	57 A-68	[48-32 ^r e 33 ^r]; [48-36 ^r]
7. O Caixão Roto.			[48-36 ^r]; [48-37 ^r]
8. Mater Desiderata.(?) Outro livro do <i>Canc[ioneiro]</i>	s.d.	66C-14	[48-36 ^r]

Nota: A lista manuscrita [48-36^r] apresenta-se bastante limpa e praticamente sem sinais ou marcações distintivas. A única exceção significativa é o poema “Mater Desiderata”, que surge circunscrito por uma linha, acompanhado de um ponto de interrogação – provavelmente indicativo de hesitação quanto à adequação do texto ao conjunto – e da anotação “Outro livro do Canc[ioneiro]”. Esta última parece sugerir a intenção de incluir o poema em outro agrupamento de textos sob a mesma designação editorial, evidenciando mais uma vez a flexibilidade estrutural e a multiplicidade de configurações imaginadas por Pessoa para o seu *Cancioneiro*.

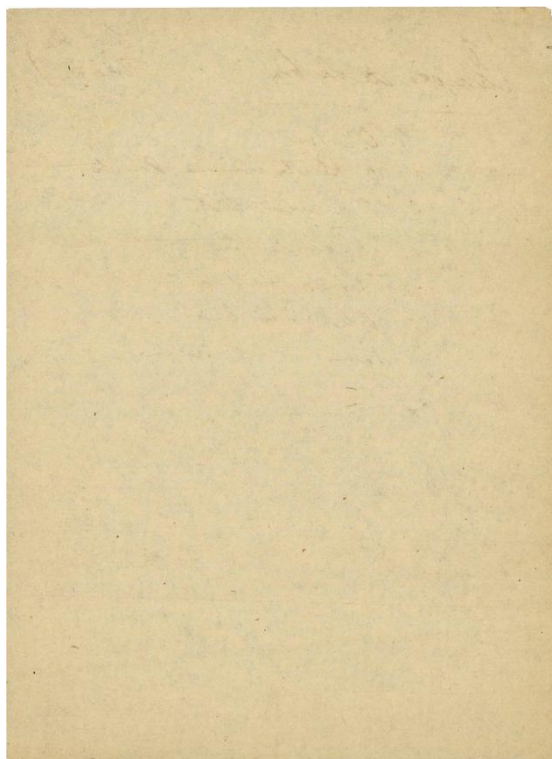
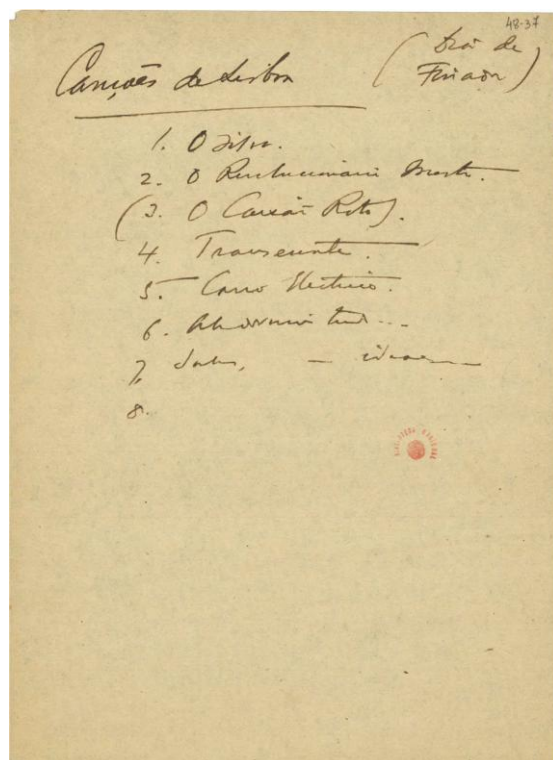
Intitulada “Canções de Lisboa”, a lista reúne sete títulos de poemas e um *incipit*, identificado através do uso de reticências: “...ah dormir tudo!...”. Esse procedimento corresponde ao mesmo sistema empregado em [48-31^r], no qual as reticências funcionam como marca distintiva dos *incipit*, diferenciando-os dos poemas identificados por títulos estabilizados. Uma anotação colocada acima do título da lista indica ainda a intenção de publicar esses textos num “1^o ou 2^o livro do Cancioneiro”, reforçando a hipótese de uma organização em volumes ou subconjuntos temáticos.

⁵¹ “Lista transcrita por Luís Prista, em *Poemas 1934-1935* (PESSOA, 2000b: 278), tal como a seguinte. Trata-se de um projecto tardio de Pessoa, ainda pouco estudado” (PIZARRO, 2023b: 200).

⁵² Na sua edição crítica, Luís Prista cita as cotas das listas [48-36] e [48-37], no aparato: “‘Morreu o filho do barbeiro’, [tít. genérico: *Canções de Lisboa*; tít. Do poema: *O Silva* (48-36^r; 48-37^r); ‘Silva’ (62-18a^v)]” (PESSOA, 2000a: 278). Já na edição da Assírio & Alvim, temos: “O poema traz a indicação do conjunto a que pertenceria: *Canções de Lisboa*. De 7-12-1933, existe um poema sobre o mesmo tema” (PESSOA, 2006: 569).

⁵³ Esse poema aparece na lista anterior [48-36], sem o artigo definido “O”. A edição da Assírio & Alvim, acrescenta um artigo definido e um indefinido ao título: “A um Revolucionario Morto” (PESSOA, 2005b: 157); cf. PESSOA (2000a: 276).

Dos textos presentes nesta lista, apenas três aparecem em testemunhos anteriores do corpus analisado: “Transeunte”, “...ah dormir tudo!...” e “Intervenção cirúrgica”. Nenhum dos poemas foi publicado em vida por Fernando Pessoa, e dois deles permanecem não localizados. Os textos distribuem-se cronologicamente entre 1913 – data do poema mais antigo – e 1934, correspondente ao mais recente. Tal amplitude temporal sugere que a constituição das “Canções de Lisboa” resultou de um processo prolongado de seleção e reorganização, atravessando diferentes momentos da produção ortónima pessoana.



Lista 7. BNP/E3, 48-37.

[48-37^r]
Canções de Lisboa (Dia de Finados)

[48-37 ^r] Manuscrita	DATA DO POEMA	COTA(S) DO POEMA	COTA(S) DA(S) LISTA
1. O Silva. [Morreu o filho do barbeiro]	28-III-1934	62-18a ^v	[48-36 ^r]; [48-37 ^r]
2. O Revolucionario Morto.	18-II-1913	57-31, 31 ^v e 32	[48-36 ^r]; [48-37 ^r]
3. /O Caixão Roto/			[48-36 ^r]; [48-37 ^r]
4. Transeunte [Ouço tocar um piano]	21-VIII-1921	42-23 ^r , 42-46 ^v , 59-8 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-36 ^r]; [48-37 ^r]
5. Carro Electrico.			[48-37 ^r]
6. Ah, dormir tudo...	18-V-1923	59-31 ^v ; 66-38	[48-31 ^r]; [48-36 ^r]; [48-37 ^r]
7. Sonhos, □ – ideaes – [Sonhos, systemas, mythos, ideaes...]	20-XII-1924	59-51 ^r ; 16-53 ^r -54 ^r	[48-31 ^r]; [48-37 ^r]
8. □			

Nota: A presente lista manuscrita, igualmente intitulada “Canções de Lisboa”, aproxima-se bastante de [48-36^r], distinguindo-se dela sobretudo pela anotação “(Dia de Finados)”, inscrita no lado direito da folha, e pela ausência do título *Cancioneiro*. Numerada de 1 a 8, menciona, contudo, apenas sete poemas. Cinco deles – “O Silva”, “Revolucionario Morto”, “Ah, dormir tudo”, “O caixão roto” e “Transeunte” – já figuravam na lista [48-36^r]. Tal como em [48-36^r], os poemas elencados distribuem-se cronologicamente entre 1913 e 1934.

Trata-se de um documento bastante limpo, praticamente sem marcas gráficas ou sinais distintivos. Ainda assim, a anotação “Dia de Finados” parece fornecer uma chave temática relevante para a compreensão do conjunto. O motivo da morte, explícito ou sugerido, atravessa diversos textos da lista. O poema “O Silva”, por exemplo, inicia-se com o verso “Morreu o filho do barbeiro”; “Revolucionario Morto” e “O caixão roto” evocam diretamente a temática mortuária já em seus títulos; e “Ah, dormir tudo” remete ao verso “Ah, dormir tudo! Pôr um sono à roda”, pertencente ao poema “Ah, como o somno...”, como já observado na análise de [48-31^r].

Além disso, imagens como “Minha vida fecha-se como um leque”, presentes nesse mesmo poema, bem como o uso reiterado do verbo “dormir” – frequentemente associado, na tradição literária, a metáforas da morte ou do apagamento da consciência –, contribuem para reforçar a unidade temática do conjunto. Assim, a recorrência desses motivos sugere uma possível tentativa de organização dos poemas em torno de um eixo elegíaco ou fúnebre, aproximando as “Canções de Lisboa” de uma dimensão mais sombria e urbana da poesia ortónima pessoana.

- 48-28
1. No entardecer da terra ...
 2. Sylphos ou gnomos tocam ... (25. 9. 1914).
 3. Ol' mello dos dias rãos ... (15. 1. 1920).
 4. Levi, buva, suave ... (15. 1. 1920).
 5. O' sons da minha aldeia ... [O aldeão]
 6. Dorme, criança, dorme...
 7. Pobre velha musica...
 8. Marinheiro-monge...
 9. Ella canta, pobre ceifeira...
 10. Ao longe, ao luar...
 11. Ao luar pela alameda ... (19. 10. 1913).
 12. Elas são vaporosas...
 13. Inda fechadas estão ... (14. 11. 1908).
 14. Em toda a noite o sommo não reio ... (14. 1. 1920).
 15. Não sei porquê, estou triste...
 16. (2) Não sei porquê, estou triste...
 17. Sereamente grande, avança...
 18. Trila na noite uma flauta...
 19. Põe-me as mãos nos hombros...
 20. Dorme enquanto eu volo...
 21. Treme em lag a agua...
 - 22.
 - 23.
- BRASIL 1914

Lista 8. BNP/E3, 48-38.

[48-38^r]

[48-38 ^r] Manuscrita	DATA DO POEMA	COTA(S) DO POEMA	COTA(S) DA(S) LISTA
1. No entardecer da terra... [Canção de outomno]	1-XII-1909	117-19 ^r ; 117-19a ^r ; 117-20 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
2. Sylphos ou gnomos tocam [Canção]	25-IX-1914	16-25 ^r ; 16-26 ^r ; 16-27 ^r ; 16-28 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
3. Sol nullo dos dias vãos	Janeiro, 1920 ⁵⁴	117-30 e 117-31	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
4. Leve, breve, suave	15-I-1920	117-24 ^r ; 117-24a ^r ; 117-25 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
5. Ó sino da minha aldeia [O aldeão]	8-IV-1911	119-11a; 117-21 ^r ; 117-22a, 22 ^r ; 117-23 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
6. Dorme, creança, dorme	27-I-1909	34-26	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-34 ^r]; [48-38 ^r]
7. Pobre velha musica [Realejo]	12-V-1913	40-30 ^r ; 117-26 ^r ; 117-26a ^r ; 117-27 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
8. Marinheiro-monge	27-XI-1924	59-49 ^r ; 34-36; 34-38	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
9. Ella canta, pobre ceifeira... [A Ceifeira]	1-XII-1914	117-42a ^r ; 117-42 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
10. Ao longe, ao luar	6-XI-1924	87-65 ^v ; 117-39 ^r ; 117-39a ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
11. As horas pela alameda [Plenilúnio]	17-X-1913	41-17a ^r ; 117-8 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
12. Ellas são vapososas [Minuete invisível]	c. 1-V-1915	42-19; 117-13	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
13. Inda fechadas estão [Abandonada]	14-XI-1908	34-3	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
14. Em toda a noite o somno não veio... [Madrugadas I]	14-I-1920	117-40 ^r ; 117-41 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
15. Não sei porquê, estou triste...	15-X-1908	34-13, 65-73	[Col. Fern. Távora] [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 48-33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]

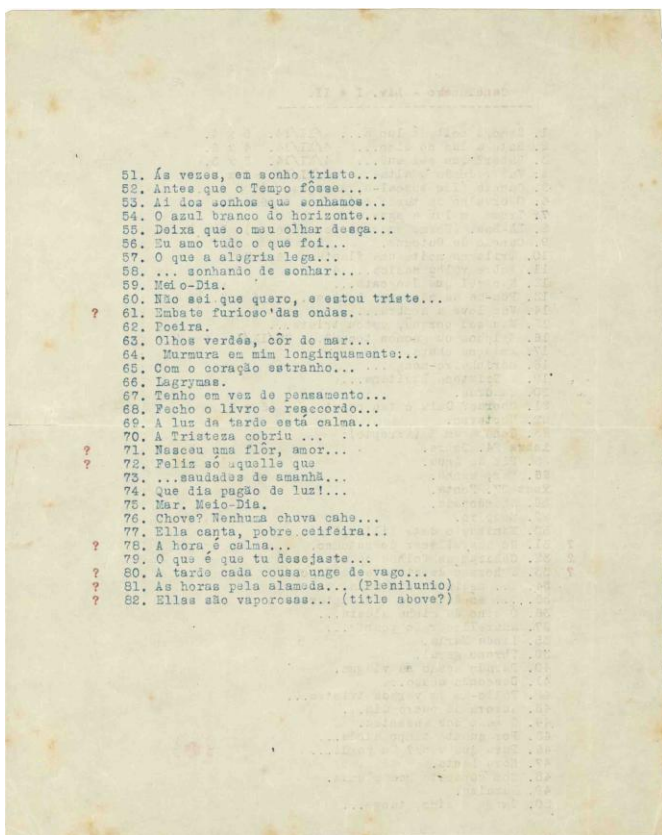
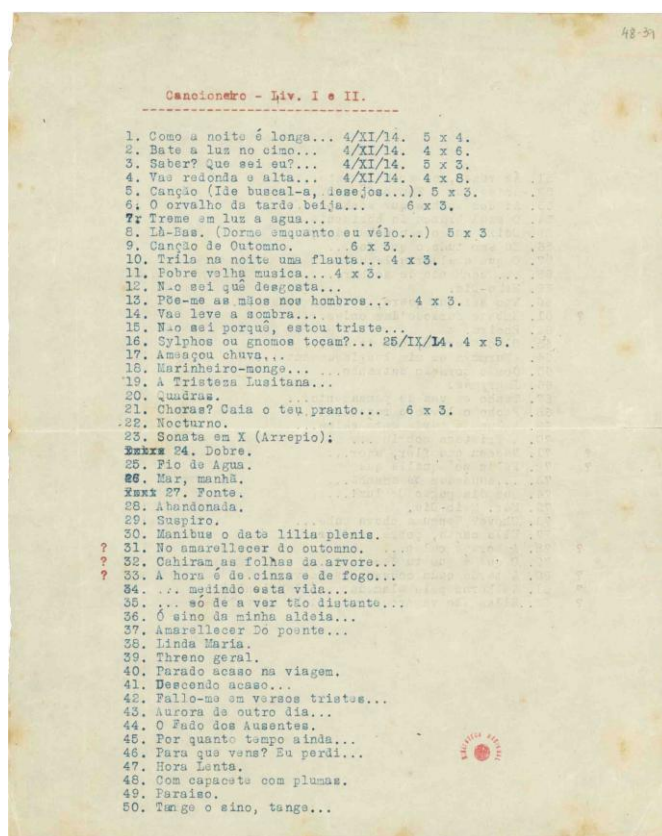
⁵⁴ Em *Mensagem e Poemas Publicados em Vida* o aparato genético não apresenta a data completa do poema, apenas referência ao ano (PESSOA, 2018: 336).

16. (2) Não sei porquê, estou triste...			[48-38 ^r]
17. Serenamente grande, avança... [Mar. Manhã]	16-XI-1909	16-20	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
18. Trila na noite uma flauta... [Aria incerta]	19-V-1913	57-25 ^v ; 117-32 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
19. Põe-me as mãos nos ombros...	25-VI-1912	19-16 ^r ; 117-33 ^r ; 117-33a ^r ; 117-34 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
20. Dorme enquanto eu velo... [Là-bas]	11/12-VII-1912	39-21 ^r ; 117-28 ^r ; 117-28a ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
21. Treme em luz a agua...	21-VI-1913	16-37 ^v ; 117-36 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
22. □			
23. □			

Nota: Como observa PIZARRO (2023a: 201), “trata-se de outra lista relacionável com o projeto do *Cancioneiro*, com algumas datas associadas a alguns poemas”. O documento é composto por 23 números, embora apenas 21 deles correspondam efetivamente a itens elencados. Trata-se de uma lista bastante limpa, sem rasuras, marcas ou sinais gráficos adicionais.

Seis dos poemas apresentam, entre parênteses, datas associadas aos respetivos testemunhos: “Sylphos ou gnomos toca...”; “Sol nullo dos dias vãos...”; “Leve, breve, suave...”; “As horas pela alameda...”; “Inda fechadas estão...” e “Em toda a noite o somno não veio...”. O uso recorrente das reticências evidencia, mais uma vez, a opção de Fernando Pessoa por identificar os poemas através dos seus *incipit*. O único título explicitamente indicado no conjunto – “[O aldeão]” – surge destacado entre colchetes, procedimento que parece sublinhar a excecionalidade de sua identificação titulada em meio a uma lista organizada por versos iniciais.

Apenas seis poemas desta lista permaneceram inéditos em vida do escritor. Já os itens “15. Não sei porquê, estou triste...” e “16. (2) Não sei porquê, estou triste...” correspondem, na realidade, a dois poemas distintos que compartilham o mesmo *incipit*, como já assinalou PIZARRO (2023b). Esse detalhe evidencia algumas das dificuldades inerentes ao estudo das listas pessoanas, nas quais a identificação dos textos nem sempre é imediata, sobretudo quando diferentes poemas se iniciam de forma idêntica ou quando a referência se limita a fragmentos parciais dos versos. Nesse sentido, as listas revelam não apenas os processos de organização autoral, mas também os desafios filológicos implicados na reconstrução dos projetos editoriais de Pessoa.



Lista 9. BNP/E3, 48-39.

[48-39^r]
Cancioneiro – Liv. I e II.

[48-39 ^r] Datilografada	DATA DO POEMA	COTA(S) DO POEMA Nº de versos × Nº de estrofes	COTA(S) DA(S) LISTA
1. Como a noite é longa! ⁵⁵	4-XI-1914	16-32 5 × 4 ⁵⁶	[48-39 ^r]
2. Bate a luz no cimo...	4-XI-1914	16-32 4 × 6	[48-39 ^r]
3. Saber? Que sei eu?...	4-XI-1914	16-32 5 × 3	[48-39 ^r]
4. Vae redonda e alta...	4-XI-1914	16-32 ⁵⁷ 4 × 8	[48-39 ^r]
5. Canção [Ide buscal-a, desejos...].	15-XI-1908 ⁵⁸	34-6, 66A-43 5 × 3	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-39 ^r]
6. O orvalho da tarde beija... [Abendlied]	15-XI-1908	34-7 6 × 3	[48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
7. Treme em luz a agua...	21-VI-1913	16-37 ^v ; 117-36 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
8. Là-Bas. (Dorme enquanto eu velo...)	11/12-VII- 1912	39-21 ^r ; 117-28 ^r ; 117-28a ^r 5 × 3	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
9. Canção de Outomno.	1-XII-1909	117-19 ^r ; 117-19a ^r ; 117-20 ^r 6 × 3	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
10. Trila na noite uma flauta... [Aria incerta]	19-V-1913	57-25 ^v ; 117-32 ^r 4 × 3	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
11. Pobre velha musica... [Realejo]	12-V-1913	40-30 ^r ; 117-26 ^r ; 117-26a ^r ; 117-27 ^r 4 × 3	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r] [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]

⁵⁵ “Consta da lista 48E-I e da 48C-38, com a indicação do conjunto *Itinerário*” (PESSOA, 2005b: 460).

⁵⁶ Essa numeração indica um poema composto por 5 versos e 4 estrofes (5 × 4). Todos os itens da lista que apresentam estas sequências numéricas (como nesta primeira: “5 × 4”), na lista [48-39], indicam: 1º número corresponde aos versos; o 2º, ao número de estrofes do poema.

⁵⁷ “Estes primeiros quatro poemas encontram-se na mesma folha” (PIZARRO, 2023a: 96).

⁵⁸ A lista datilografada não traz as datas dos poemas elencados entre “5. Canção (Ide buscal-a, desejos...)” e “15. Não sei porquê, estou triste...”; há somente os números de versos e estrofes de alguns deles, excluindo-se, nesta sequência (de 5 a 15): “7. Treme em luz a água...”; “12. Não sei quê des-gosta...”; “14. Vae leve a sombra...” e “15. Não sei porquê, estou triste...”.

12. Não sei quê ⁵⁹ desgosta...	26-VII-1910	36-1	[48-39 ^r]
13. Põe-me as mãos nos hombros....	25-VI-1912	19-16 ^r ; 117-33 ^r ; 117-33a ^r ; 117-34 ^r 4 × 3	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
14. Vae leve a sombra... ⁶⁰	29-IX-1911	38-35	[48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
15. Não sei porquê, estou triste... ⁶¹	15-X-1908	34-13, 65-73	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 48-33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
16. Sylphos ou gnomos tocam?...	25- IX-14 ⁶²	16-25 ^r ; 16-26 ^r ; 16- 27 ^r ; 16-28 ^r 4 × 5	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
17. Ameaçou chuva...	11-XI-1914	16-34	[48-39 ^r]
18. Marinheiro-monge...	27-V-1909	59-49 ^r ; 34-36 e 34-38	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
19. A Tristeza Portuguesa [A tristeza lusitana...]	sem data [c. 1909]	65-37 [inédito]	[48-39 ^r]
20. Quadras. ⁶³			[48-39 ^r]
21. Choras? Caia o teu pranto...	31-XII-1908	34-25 6 × 3	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]
22. Nocturno. ⁶⁴ [Suspiro triste]	15-V-1910	36-33 e 36-34	[Col. Fern. Távora] [48-31 ^r]; [48-39 ^r]
23. Sonata em X (Arrepio) ⁶⁵ . <Dobre> 24. Dobre. [“Peguei no meu coração”]	20-I-1913	16-22	[48-39 ^r]
25. Fio de Agua. [“Horas serenas”]	18-XII-1912	57-28	[48-39 ^r] [Col. Fern. Távora]
26. Mar. manhã.	16-XI-1909	16-20	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
 27. Fonte. [“Fresca e viva”]	10-IV-1912	39-8	[48-39 ^r]
28. Abandonada. [“Inda fechadas estão”]	14-XI-1908	34-3	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]

⁵⁹ A edição da Assírio traz o incipit: “Não sei *o que* desgosta”. E a nota: “2 Var. na linha para *o que: quê*” (PESSOA, 2005b :88).

⁶⁰ “Registo o mais antigo, mas há outros três “Vae leve a sombra” de 9-XII-1914 (cota: 57A-80) e de 3-VIII-1930 (cotas: 120-23 e 120-4); cf. PESSOA (2001: 180-182)” (PIZARRO, 2023a: 96).

⁶¹ Publicado em *Poesia 1931-1935 e Não Datada* (PESSOA, 2006: 491), por lapso.

⁶² A data do poema e os números de versos e estrofes aparecem no testemunho datilografado.

⁶³ “Poema(s) não localizado(s). Mas é provável que sejam as quadras intituladas “Cantares”, de 1907-1908 (cf. 17-2, 17-3 e 17A-9)” (PIZARRO, 2023a: 97).

⁶⁴ “Este título não figura no manuscrito conhecido; cf. BNP/E3, 48F-49” (PIZARRO, 2023a: 92).

⁶⁵ “Poema não localizado. Referido num plano do terceiro número da revista *Orpheu* (PESSOA, 2009: 80; 87A-4)” (PIZARRO, 2023a: 97).

39. Suspiro [“Suspiro, quero ir contigo”]	15-XI-1908 ⁶⁶	34-8; 34-10	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-39 ^r]
30. Manibus o date lilia plenis. ⁶⁷	10-I-1913	57-30	[Col. Fern. Távora] [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]
? 31. No amarellecer do outomno. ⁶⁸	s.d.	65-69	[48-39 ^r]
? 32. Cahiram as folhas da arvore... ⁶⁹	3-IX-1910	37-44	[48-39 ^r]
? 33. A hora é de cinza e de fogo... [Poente]	27-II-1913	40-5	[48-39 ^r]
34. ... medindo esta vida... ⁷⁰			[48-39 ^r]
35. ... só de a ver tão distante... ⁷¹			[48-39 ^r]
37. Amarellecer Do poente... [Fim do dia] ⁷²	22-VI-1912	39-15	[48-39 ^r]
38. Linda Maria. [Maria, linda Maria]	19-XI-1908	34-19	[Col. Fern. Távora]; [48-39 ^r]
39. Threno geral.	19-XI-1908	56-12	[Col. Fern. Távora]; [48-39 ^r]
40. Parado acaso na viagem.	c. 1-V-1912	39-13 e 39-14 [inédito]	[48-39 ^r]
41. Descendo acaso... ⁷³			[48-39 ^r]
42. Fallo-me em versos tristes... ⁷⁴ [Tristeza]	6-VII-1910	36-46	[48-39 ^r]
43. Aurora de outro dia...	15-V-1910	36-32	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-39 ^r]
44. O Fado dos Ausentes.	29-X-1909	56-39	[Col. Fern. Távora]; [48-39 ^r]
45. Por quanto tempo ainda... ⁷⁵			[48-39 ^r]

⁶⁶ Veja-se: FERRARI (2012: 5).

⁶⁷ “Existe um poema anterior, com o mesmo título, datado de 4-I-1913; cf. BNP/E3, 30A-7. Sa-Carneiro refere-se ao poema da lista em carta de 3-II-1913 (SÁ-CARNEIRO, 2015: 74)” (PIZARRO, 2023a: 93).

⁶⁸ “No amarelecer do outono” (*grifo nosso*), na edição da Assírio (PESSOA, 2006: 491).

⁶⁹ Seria “*Outomnal* – ‘Cahiram as folhas da arvore. O outomno’ – 3/9/10” (PIZARRO, 2017: 434).

⁷⁰ “Talvez não seja o verso inicial, mas o final. Pode tratar-se de *Rhythmo interior* [“Eu quero sentir-te, Maria, dormir”], de 22-VI-1909, cota 35-2, que termina “Medindo essa vida” (PIZARRO, 2023a: 97).

⁷¹ Poema não localizado.

⁷² Veja-se PESSOA (2005b: 127).

⁷³ “Poema não localizado. Cf. ‘Parado acaso na viagem’ (39-13, de 1912)” (PIZARRO, 2023a: 98).

⁷⁴ “Com a indicação “Tristeza – ①”. Cf. “Tristeza” 2, 3 e 4 em 56-56 (de 6-VII-1910) e 56-57 (de 19-VII-1910)” (PIZARRO, 2023a: 98).

⁷⁵ “Pode ser um poema inédito que começa ‘Ha quanto [Durante que] tempo ainda’, de 8-VIII-1910 (cota 37-3)” (PIZARRO, 2023a: 98).

46. Para que vens? Eu ⁷⁶ perdi... [Manhã]	15-XI-1908	34-14	[Col. Fern. Távora]; [48-39 ^r]
47. Hora Lenta. ⁷⁷			[48-39 ^r]
48. "Com capacete com plumas" [Edade Media]	19-VII-1910	36-48	[48-39 ^r]
49. Paraíso. ["Se houver além da Vida um Paraíso"]	6-XI-1912	57-23, 57-24	[48-39 ^r]
50. Tange o sino, tange...	19-III-1911	57-6	[48-31 ^r]; [48-39 ^r]
51. Às vezes, em sonho triste...	21-XI-1909	35-31	[48-39 ^r]
52. Antes que o Tempo fôsse...	VII-1909	35-1	[48-39 ^r]
53. Ai dos sonhos que sonhamos!	12-V-1910	36-31	[48-39 ^r]
54. O azul branco do horizonte...	[1910]	35-20 [inédito]	[48-39 ^r]
55. Deixa que o meu olhar desça...	21-VIII-1910	37-25	[48-39 ^r]
56. Eu amo tudo o que foi... ⁷⁸	[1910]	32-9	[48-39 ^r]
57. O que a Alegria lega... [Mater dolorosa]	[1910]	37-42	[48-39 ^r]
58. ... sonhando de sonhar... ⁷⁹ [Dorme sobre o meu seio]	28-X-1909	117-37 ^r ; 117-38 ^r ; 117-38a ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]
59. Meio-Dia. ["Contra ⁸⁰ á cal e nas telhas"]	26-V-1910	36-37 [inédito]	[48-39 ^r]
60. Não sei que quero, e estou triste...			[48-39 ^r]
? 61. Embate furioso das ondas.	8-VIII-1909	35-6 [inédito]	[48-39 ^r]
62. Poeira. ⁸¹			[48-39 ^r]
63. Olhos verdes, cor do mar... ⁸²	c. 1-XII-1909	65-69	[Col. Fern. Távora]; [48-3 ^r]
64. Murmura em mim longinquamente...	14-VI-1909	35-3 [inédito]	[48-31 ^r]; [48-39 ^r]

⁷⁶ O *incipit* do poema aparece como "Para que vens? Eu perdi...", na lista [48-39]; e "Já perdi", na lista da Col. Fernando Távora e na transcrição publicada pela Assírio & Alvim (PESSOA, 2005b).

⁷⁷ "Muito possivelmente é o poema intitulado 'Hora Morta', que começa 'Lenta e lenta a hora', de 23-III-1913 (cota 66D-20)" (PIZARRO, 2023a: 98).

⁷⁸ "Este poema encontra-se no mesmo tipo de suporte dos dois anteriores (e do seguinte) e foi erroneamente publicado como sendo de 1931, em 1955, em *Poesias Inéditas (1930-1935)*, e como sendo de 1932, em 2006, em *Poesia 1931-1935, e Não Datada*" (PIZARRO, 2023a: 98).

⁷⁹ Segundo verso da primeira estrofe do poema "Dorme sobre o meu seio".

⁸⁰ "De encontro [↑ Contra] *variantes alternativas*" (PIZARRO, 2023a: 98).

⁸¹ "Em princípio, trata-se de 'Poeira em ouro pairando [↑ brando...]', de 27-V-1909, cota 34-37" (PIZARRO, 2023a: 98).

⁸² Sem data, na edição da Assírio & Alvim (PESSOA, 2006). Seguimos datação em PIZARRO (2023a).

65. Com o coração estranho...	25-VI-1909	35-5	[48-39 ^r]
66. Lagrymas ⁸³ [Lyrismos] [“Não achei dita na crença”]	28-XII-1908	34-23 ^r	[Col. Fern. Távora] [48-39 ^r];
67. Tenho em vez de pensamento...	15-XI-1908	34-15 e 15 ^v	[48-39 ^r]
68. Fecho o livro e reaccordo...	1-VI-1910	36-42 [inérito]	[48-39 ^r]
69. A luz da tarde está calma...	29-V-1910	36-38	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]
70. A Tristeza cobriu... ⁸⁴	18-V-1910	36-35	[48-39 ^r]
? 71. Nasceu uma flôr, amor... [Folha cahida]	15-VII-1910	56-58	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-39 ^r]
? 72. Feliz ⁸⁵ so aquelle que [Tristeza] ⁸⁶	19-VII-1910	56-57	[48-39 ^r]
73. ...saudades de amanhã... ⁸⁷			[48-39 ^r]
74. Que dia pagão de luz!...	[1913]	40-43 [inérito]	[48-39 ^r]
75. Mar. Meio-Dia. ⁸⁸			[48-39 ^r]
76. Chove? Nenhuma chuva cahe...	1-XII-1914	117-42a ^v	[48-39 ^r]
77. Ella canta, pobre ceifeira... [A ceifeira]	1-XII-1914	117-42a ^r ; 117-42 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
? 78. A hora é calma... ⁸⁹	27-IX-1914	57A-64	[48-39 ^r]
79. O que é que tu desejaste... ⁹⁰			[48-39 ^r]
? 80. Tarde [A tarde cada cousa unge de vago...]	1-V-1912	39-12 [inérito]	[48-39 ^r]
? 81. As horas pela alameda... (Plenilúnio)	17-X-1913	Távora, 41-17a ^r ; 117-8 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
? 82. Ellas são vaporosas... (title above?) [Minuete invisível]	c. 1-V-1915	42-19, 117-13	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]

⁸³ “O poema que figura na folha 34-23 passou por uma mudança de título: de ‘Lyrismos’ para ‘Lagrymas’” (PIZARRO, 2023a: 95).

⁸⁴ “juncou [↑ cobriu] *variantes alternativas*” (PIZARRO, 2023a: 98).

⁸⁵ “Feliz [Ditoso] *variantes alternativas*” (PIZARRO, 2023a: 99).

⁸⁶ “Veja-se o item 42; esta é a quarta parte de “Tristeza”: “Tristeza – 4” (56-57v)”. (PIZARRO, 2023a: 99)

⁸⁷ “Poema não localizado” (PIZARRO, 2023a: 99).

⁸⁸ “Poema não localizado” (PIZARRO, 2023a: 99).

⁸⁹ “A hora é calma...” é, provavelmente, parte do quarto verso do poema intitulado “Música” (cota 37-33), de 1910, poema não datado, incluído num envelope com poemas de 1910. Ver: PESSOA (2005b: 451). “Na mesma folha e na seguinte, em 57A-65, encontra-se o poema “Oh quem me dera mais ou menos” (PIZARRO, 2023a: 99; cf. PESSOA, 2005b: 243).

⁹⁰ “Poema não localizado” (PIZARRO, 2023a: 99).

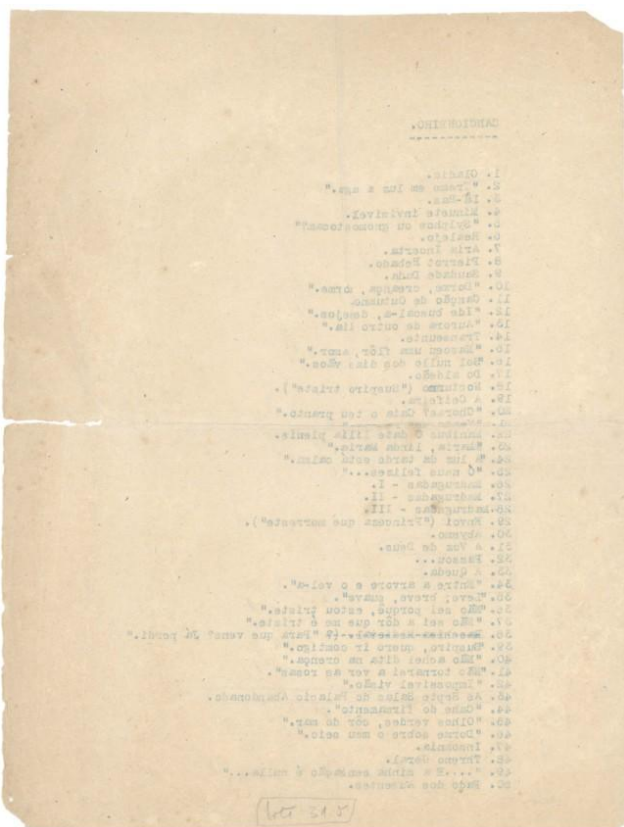
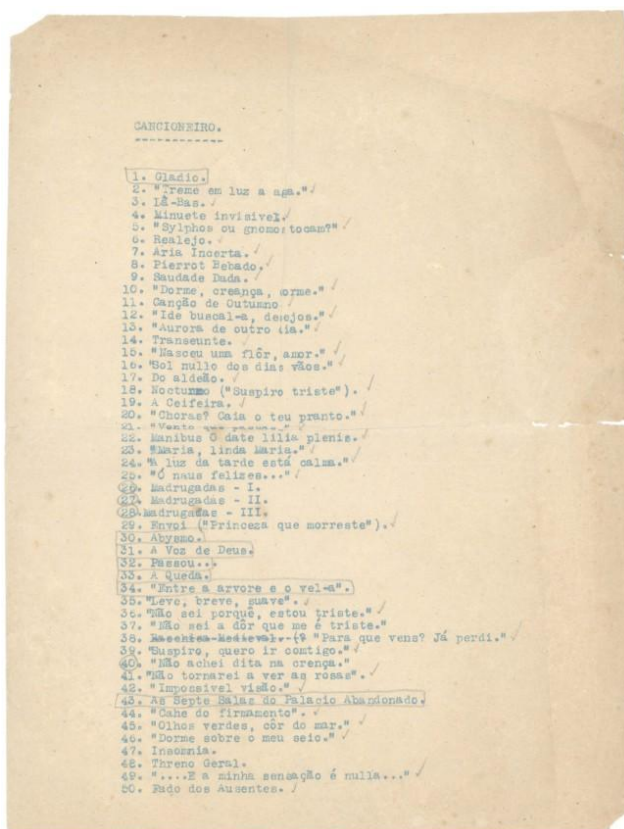
Nota: Esta lista datilografada, composta por 82 itens, é a mais extensa dentre aquelas que integram o corpus deste estudo. Vários dos poemas nela citados coincidem com os presentes na lista da coleção Fernando Távora, embora haja também numerosos textos elencados exclusivamente neste testemunho. Tal amplitude faz de [48-39] um dos documentos mais relevantes para a compreensão dos projetos editoriais associados ao *Cancioneiro* de Fernando Pessoa.

Tal como em outros testemunhos já analisados – nomeadamente [48-31] e [48-37] –, o uso das reticências indica versos ou *incipit*, enquanto os poemas identificados por títulos estabilizados são seguidos por ponto final. Contudo, [48-39] distingue-se sobretudo pela presença de indicações numéricas relativas à estrutura formal de alguns poemas, aspeto ausente nas restantes listas do *Cancioneiro* ou a ele relacionadas. Entre os exemplos mais significativos, encontram-se: “Como a noite é longa!” (“5 × 4”, isto é, cinco versos por quatro estrofes); “Bate a luz no cimo...” (“4 × 6”); “Saber? Que sei eu?...” (“5 × 3”); “Vae redonda e alta...” (“4 × 8”); “Canção” (“5 × 3”); “O orvalho da tarde beija...” (“6 × 3”); “Là-bas” (“5 × 3”); “Canção de outomno” (“6 × 3”); “Trila na noite uma flauta” (“4 × 3”); “Pobre velha música” (“4 × 3”); “Põe-me as mãos nos ombros” (“4 × 3”); “Sylphos ou gnomos tocam?...” (“4 × 5”); e “Choras? Caia o teu pranto...” (“6 × 3”).

Os quatro primeiros poemas acima mencionados – presentes apenas nesta seleção – compartilham, além do mesmo suporte documental e da mesma data de elaboração, a presença dessas indicações métricas e o facto de terem sido compostos em redondilha menor. Tal coincidência sugere um interesse particular de Pessoa pela organização formal e rítmica do conjunto, reforçando a hipótese de que critérios métricos e musicais desempenhavam papel decisivo na seleção dos textos destinados ao *Cancioneiro*.

Outro elemento distintivo do documento é a presença de pontos de interrogação datilografados em tinta vermelha, colocados antes da numeração de determinados poemas: Embora o significado exato dessas marcações permaneça incerto, elas parecem indicar hesitação, revisão ou dúvida quanto à inclusão definitiva dos textos na coletânea projetada.

O item n.º 20, “Quadras”, merece ainda atenção especial. Segundo Jerónimo PIZARRO (2023a), a referência corresponderia provavelmente às quadras intituladas “Cantares”, compostas entre 1907 e 1908. Caso essa hipótese se confirme, o item remeteria não a um único poema, mas a um conjunto de composições em quadras, ampliando significativamente a extensão potencial da lista e do projeto editorial nela delineado. Nesse sentido, [48-39] revela-se não apenas como um inventário de poemas, mas como um espaço complexo de planificação literária, no qual se articulam critérios temáticos, formais e estruturais para a construção de um possível *Cancioneiro* pessoano.



Lista 10. Coleção Fernando Távora.

COLEÇÃO FERNANDO TÁVORA
Cancioneiro

COL. FERN. TÁVORA⁹¹ Datilografada	DATA DO POEMA	COTA(S) DO POEMA	COTA(S) DA(S) LISTA
1. Gladio ⁹² [“Deu-me Deus o Seu Gladio”]	21-VII-1913	57-40, 121-1, 121-25	[Col. Fern. Távora], [48B-25 ^r] [Col. Fern. Távora];
2. “Treme em luz a agua”	21-VI-1913	16-37 ^v ; 117-36 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
3. Là-bas [“Dorme enquanto eu velo”]	11/12-VII- 1912	39-21 ^r ; 117-28 ^r ; 117-28a ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
4. Minuete invisível [“Ellas são vaporosas”]	c. 1-V-1915	42-19, 117-13	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
5. “Sylphos ou gnomos tocam?”	25-IX-1914	16-25 ^r ; 16-26 ^r ; 16-27 ^r ; 16-28 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r];
6. Realejo [“Pobre velha musica”]	12-V-1913	40-30 ^r ; 117-26 ^r ; 117-26a ^r ; 117-27 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
7. Aria incerta [“Trila na noite uma flauta”]	19-V-1913	57-25 ^v ; 117-32 ^r	[48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
8. Pierrot bebado [“Nas ruas da feira”]	17-VIII-1914	117-11 ^r ; 117-12 ^r	[48-31 ^r]; [48-34 ^r] [Col. Fern. Távora];
9. Saudade dada [“Em horas inda louras”]	c. 1917	117-9 ^r ; 117-10 ^r	[48-31 ^r]; [48-34 ^r] [Col. Fern. Távora];
10. “Dorme, creança, dorme”	27-I-1909	34-26	[48-31 ^r]; [48-34 ^r]; [48-38 ^r] [Col. Fern. Távora];
11. Canção de Outomno	1-XII-1909	35-41	[48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-34 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
12. “Ide buscal-a, desejos” [Canção]	15-XI-1908	34-6, 66A-43	[48-31 ^r]; [48-39 ^r] [Col. Fern. Távora];
13. “Aurora d’outro dia”	15-V-1910	36-32	[48-31 ^r]; [48-39 ^r]

⁹¹ Lista transcrita e estudada por Pizarro (2023a: 92): “Este é o estudo detalhado da lista já transcrita, indicando a data de cada poema e a sua localização no espólio pessoal. Surpreende, sendo a lista provavelmente do início da década de 1930, que nenhum poema seja posterior a 1921”. Acrescentamos ao estudo da lista, publicado anteriormente, a(s) cota(s) da(s) lista(s) em que cada poema aparece mencionado.

⁹² “Gladio” foi um dos poemas mais publicados em vida por Fernando Pessoa; veja-se BLANCO (1983) e SOUZA *et al.*, (2021).

14. Transeunte [“Ouço tocar um piano”]	21-VIII-1921	42-23 ^r , 42-46 ^v , 59-8 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48B-25 ^r]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-36 ^r]; [48-37 ^r]
15. Folha cahida [“Nasceu uma flôr, amor”]	15-VII-1910	56-58	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-39 ^r]
16. “Sol nullo dos dias vãos”	Janeiro, 1920	117-30 e 117-31	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
17. O aldeão [“O sino da minha aldeia”]	8-IV-1911	119-11, 117-21 a 117-23	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
18. Nocturno [“Suspiro triste”]	15-V-1910	36-33 e 36-34	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-39 ^r]
19. A ceifeira [“Ella canta, pobre ceifeira”]	1-XII-1914	117-42a ^r ; 117-42 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
20. “Choras? Caia o teu pranto”	31-XII-1908	34-25	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]
21. “Vento que passas”	21-VIII-1921 ⁹³	119-11, 11a, 12	[Col. Fern. Távora]
22. O <i>manibus date lilia plenis</i> [“Cheias...”]	10-I-1913	57-30	[Col. Fern. Távora]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]
23. “Maria, linda Maria”	19-XI-1908	34-19	[Col. Fern. Távora]; [48-3 ^r]
24. “A luz da tarde está calma”	29-V-1910	36-38	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]
25. “Ó naus felizes que do mar vago” ⁹⁴	10-VI-1910	36-43	[Col. Fern. Távora]
26. Madrugadas – I. [“Em toda a noite...”]	14-I-1920	117-40 ^r , 117-41 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
27. Madrugadas – II. [“Manhã dos outros...”]	15-I-1920	117-35 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]
28. Madrugadas – III. [“Com um splendor...”]	15-I-1920	58A-2 ^r	[Col. Fern. Távora]
29. Envoi [“Princeza que morreste”]	6-XI-1913	41-28	[Col. Fern. Távora]
30. Abysmo ⁹⁵ [“Olho o Tejo, e de tal arte”]	c. 20-I-1913	16-22	[Col. Fern. Távora]

⁹³ “Sobre a datação deste poema, veja-se PESSOA (2001: 271-272)” (PIZARRO, 2023a: 92).

⁹⁴ Primeiro verso do poema cujo título seria “Sonho” (PESSOA, 2005b: 83).

⁹⁵ “Abysmo” é o título do 1º dos 5 poemas que compõem o conjunto “Além-Deus”: I – Abismo; II – Passou; III – A voz de Deus; IV – A queda; V – Braço sem corpo brandindo um gládio. Como afirma Maria Aliete Galhoz, “Além-Deus” estaria: “Destinado a figurar como a colaboração de Fernando Pessoa no n.º 3 de *Orpheu*, que chegou a ser composto em provas, mas que razões várias levaram a ser suspenso antes de impresso” (PESSOA, 2005d: 738).

31. A Voz de Deus ⁹⁶ [“Brilha uma voz...”]	1-III-1913	57-33	[Col. Fern. Távora]
32. Passou... ⁹⁷ [“Passou, fora de quando”]	1-III-1913	57-33	[Col. Fern. Távora]
33. A Queda ⁹⁸ [“Da minha idea-do-mundo”]	c. 8-II-1913	16-23	[Col. Fern. Távora]
34. “Entre a arvore e o vel-a” ⁹⁹ [Braço sem corpo]	2-II-1913	40-1	[Col. Fern. Távora]
35. “Leve, breve, suave”	15-I-1920	117-24 ^r ; 117-24a ^r ; 117-25 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-35 ^r]; [48-38 ^r]
36. “Não sei porquê, estou triste”	15-XI-1908	34-13 ^r , 65-73 ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 48-33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
37. “Não sei a dor que me é triste” ¹⁰⁰			[Col. Fern. Távora]
38. “Para que vens? Já perdi” [Manhã]	15-XI-1908	34-14	[Col. Fern. Távora]; [48-39 ^r]
39. Suspiro [“Suspiro, quero ir contigo”]	15-XI-1908	34-8; 34-10	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-39 ^r]
40. “Não achei dita na crença” [Lyrismos] ¹⁰¹	28-XII-1908	34-23	[Col. Fern. Távora]; [48-39 ^r]
41. “Não tornarei a ver as rosas”	26-II-1920	144G-30	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]
42. “Impossível visão”	14-I-1917	144Y-22 ^v e 23	[Col. Fern. Távora]
43. As septe salas do palacio abandonado	c. 1915	144C-1 a 10, 15 a 17 ¹⁰²	[Col. Fern. Távora]
44. “Cahe do firmamento”	26-X-1919	58-87 ^v	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]
45. “Olhos verdes, côr do mar”	c. 1-XII-1909	65-69	[Col. Fern. Távora]; [48-39 ^r]
46. “Dorme sobre o meu seio”	28-X-1909	117-37 ^r ; 117-38 ^r ; 117-38a ^r	[Col. Fern. Távora]; [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-39 ^r]

⁹⁶ “A voz de Deus” é o título do 3º poema do conjunto intitulado “Além-Deus”.

⁹⁷ “Passou” é o título do 2º poema do conjunto “Além-Deus”.

⁹⁸ “A queda” é o título do 4º poema do conjunto “Além-Deus”.

⁹⁹ 1º verso do poema intitulado “Braço sem corpo brandindo um gládio”, que é o 5º poema do conjunto intitulado “Além-Deus”.

¹⁰⁰ Poema não localizado.

¹⁰¹ “Var. sobre p.: *Lágrimas*. O mesmo título *Lágrimas* está escrito e sublinhado na margem esquerda, podendo indicar também o conjunto de que este poema faria parte” (PESSOA, 2005b: 40).

¹⁰² Conforme PIZARRO (2023a: 93): “Constituído por 7 secções e um ‘Fim’. Sobre a datação, veja-se PESSOA (2005a: 339-346; 2005b: 462)”.

47. Insomnia [“Insomnia. Ouço o gemido”]	13-VIII-1921	59-6	[Col. Fern. Távora]
48. Threno ¹⁰³	19-IX-1908	56-12	[Col. Fern. Távora]; [48-39 ^r]
49. “E a minha sensação é nulla...” ¹⁰⁴ [Mar. Manhã.]	16-XI-1909	16-20	[Col. Fern. Távora] [48-31 ^r]; [48-32 ^r e 33 ^r]; [48-38 ^r]; [48-39 ^r]
50. Fado dos ausentes [“Ó fado repenicado”]	29-X-1909	56-39	[Col. Fern. Távora]; [48-39 ^r]

Nota: Esta lista datilografada, pertencente à coleção Fernando Távora, é a terceira mais extensa do corpus analisado. Composta por 50 itens, compartilha 21 deles com a lista [48-39], o que evidencia fortes aproximações entre ambos os testemunhos e sugere a existência de critérios de seleção relativamente estáveis nos projetos do *Cancioneiro* de Fernando Pessoa.

O documento apresenta-se bastante limpo, embora contenha diversas intervenções a lápis. Entre elas, destaca-se um traçado retangular desenhado em torno dos seguintes títulos: “Gladio”; “Abysmo”; “A voz de Deus”; “Passou...”; “A Queda”; e “Entre a arvore e o vel-a”. Alguns números da enumeração também aparecem circulados a lápis: ②⑥ “Madrugadas – I”; ②⑦ “Madrugadas – II”; ②⑧ “Madrugadas – III”; e ④⑩ “Não achei dita na crença”. Outra marca recorrente é o *check mark*, já identificado em listas anteriores, colocado após praticamente todos os títulos, versos ou *incipit*, com exceção de “Minuete invisível”; do tríptico “Madrugadas I, II e III”; de “Não sei a dor que me é triste”; “Não achei dita na crença”; “As Septe Salas do Palácio Abandonado”; e “Insomnia: Threno Geral”.

Há ainda uma única rasura no item “38. Bacchica Medieval”, seguida da anotação “(? ‘Para que vens? Já perdi’)”, como se observa no testemunho. Tal intervenção parece indicar dúvida quanto à identificação do poema ou eventual substituição do título originalmente previsto.

Esta lista possui uma característica particularmente relevante em relação às demais: nela aparecem conjuntos de poemas organizados em sequência, como ocorre com “Madrugadas I, II e III”, bem como com o conjunto de “Além-Deus”, conforme indicam as notas associadas aos poemas. Essa disposição sugere uma tentativa mais elaborada de agrupamento interno, aproximando o documento não apenas de um inventário de textos, mas de um verdadeiro plano de estruturação editorial.

Merece destaque ainda a presença de “As Septe Salas do Palácio Abandonado”, título posteriormente utilizado por Luís Fagundes Duarte na organização da poesia ortónima em Mensagem e poemas publicados em vida (PESSOA, 2018). O facto de “As Septe Salas” surgir aqui como apenas um dos itens integrados num conjunto

¹⁰³ “Se ‘Threno geral’ for ‘Threno’, então deve ser este poema. Figura em pelo menos duas listas: BNP/E3, 48-39 e 144D²-2 a 5” (PIZARRO, 2023a: 93).

¹⁰⁴ “Referido por um dos versos finais: ‘...E a minha sensação é nulla...’” (PIZARRO, 2023a: 93).

mais amplo associado ao *Cancioneiro* parece reforçar a hipótese de que o título *Cancioneiro* ocupou, para Pessoa, uma posição estruturalmente mais central e recorrente do que outras designações posteriormente privilegiadas por editores da obra ortónima. Nesse sentido, o documento contribui para evidenciar a persistência e a abrangência do projeto antológico pessoano em torno dessa designação.

Bibliografia

- BARRETO, José (2014). “Fernando Pessoa – germanófilo ou aliadófilo? Um debate com João de Barros que não veio a público”. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 6, outono, pp. 152-215. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0K64GJW>
- BARTON, Alexander Roman; BÖCKLING, Julia; LINK, Sarah; RÜGGEMEIER, Anne (2022) (eds.). *Forms of List-Making: Epistemic, Literary, and Visual Enumeration*. Cham: Palgrave Macmillan / Springer Nature Switzerland.
- BLANCO, José (1983). *Fernando Pessoa: Esboço de uma Bibliografia*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Centro de Estudos Pessoaanos.
- CUNHA, Teresa Sobral (1987). “Planos e projectos editoriais de Fernando Pessoa: uma velha questão”. *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 2, n.º 1, janeiro-junho, pp.93-107.
- FERRARI, Patricio (2012). “Genetic Criticism and the Relevance of Metrics in Editing Pessoa's Poetry”. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 2, outono, pp.1-57. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0VD6WZI>
- FREITAS, Ana Maria (2010). “A morte do príncipe”. *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Fernando Cabral Martins (coord.). São Paulo: Leya. pp. 494-495.
- FREITAS, Filipa de (2017). “‘O amor’: uma peça inédita de Fernando Pessoa”. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, outono, pp. 670-684. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0VM49H0>
- LOPES, Teresa (1993) (coord.) *Pessoa Inédito*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MACIEL, Maria Esther (2009). *As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- NEMÉSIO, Jorge (1958). *A obra poética de Fernando Pessoa: estrutura das futuras edições*. Salvador: Livraria Progresso editora / Universidade da Bahia.
- PESSOA, Fernando (2018). *Mensagem e Poemas Publicados em Vida*. Edição crítica de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (2016 [2013]). *Cancioneiro: uma antologia*. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (2006). *Poesia 1931-1935 e Não Datada*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assirio & Alvim.
- _____. (2005a). *Poemas 1915-1920*. Edição crítica de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (2005b). *Poesia 1902-1917*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assirio & Alvim.
- _____. (2005c). *Poesia 1918-1930*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assirio & Alvim.
- _____. (2005d). *Obra poética*. Organização, Introdução e Notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar. 21ª edição.
- _____. (2005e). *Obra em prosa*. Organização, Introdução e Notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar. 11ª ed.
- _____. (2004). *Poemas 1931-1933*. Edição crítica de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (2001). *Poemas 1921-1930*. Edição crítica de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (2000a). *Poemas 1934-1935*. Edição crítica de Luís Prista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os diretores da presença*. Edição crítica e estudo de Enrico Martines. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- _____. (1967). *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- _____. (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- _____. (1926). "Portugal, Vasto Imperio". *Jornal do Commercio e das Colonias*, Lisboa, 28 de maio, p. 1.
- PIZARRO, Jerónimo (2025). "'Projectos, tenho-os tido todos': de 48B-29 a 48B-154". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 28, outono, pp. 315-479. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/4f09-4920>
- _____. (2023a). "Pessoa antologista e auto-antologista". *Pensar as Antologias em Portugal*. Rui Sousa (ed.). Lisboa: Caleidoscópio, pp. 81-103.
- _____. (2023b). "'Projectos, tenho-os tido todos': de 48-1 a 48B-28". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 24, outono, pp.150-315. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/9e28-dd44>
- _____. (2017). "Poemas e documentos inéditos: o lote 31 e a colecção Fernando Távora". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, outono, pp. 333-456. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0FJ2F16>
- PIZARRO, Jerónimo; SOUSA, Rui (2019). "A colecção pessoana de Santo Tirso". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 15, primavera, pp. 178-382. Brown Digital Repository. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/ya99-dq40>
- ROSA, Maria do Rosário (s.d.). "Cancioneiro", *E-Dicionário de Termos Literários* (EDTL). Carlos Ceia (coord.). <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/cancioneiro>
- SÁ, Luiz Fernando Ferreira (2020). "Percursos critico-teóricos das listas na literatura". *FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária*, n.º 24, pp. 166-181. <https://doi.org/10.23925/1983-4373.2020i24p166-181>
- SILVA, Manuela Parreira (2010). "Cancioneiro". *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Fernando Cabral Martins (coord.). São Paulo: Leya, pp. 131-132.
- SOUSA, Rui (2021). "Fernando Pessoa entre duas chancelas: O tempo da *Obra Poética* de Maria Aliete Galhoz (1960-1977)". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 20, outono, pp. 157-283. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/fsce-ws11>
- SOUZA, Raquel Madanêlo; MENEZES, Roberto Bezerra de; XAVIER, Rodrigo (2021). "Sobre os poemas mais publicados em vida de Fernando Pessoa (entre 1914-1934)". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 20, outono, p. 367-446. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/n0as-rx46>
- URIBE, Jorge; SEPÚLVEDA, Pedro (2020). "Introdução". Caderno "Pessoa em vida". *Estranhar Pessoa*, n.º 7.
- VIZCAÍNO, Fernanda; PIZARRO, Jerónimo (2018). "Novos poemas e documentos Inéditos: o espólio Serpa". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 13, primavera, pp. 237-347. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0DR2T1H>

RAQUEL MADANÊLO SOUZA é mestre em Literatura Brasileira pela UFMG (2004) e doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP (2008), tendo realizado pesquisa na Universidade de Lisboa com bolsa da FAPESP. Foi professora de Literatura Portuguesa na Universidade Federal de São Paulo (2009-2015) e realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Coimbra (2013-2014), com bolsa da FAPESP na modalidade Research Abroad. Em 2023, realizou novo pós-doutoramento na Universidad de los Andes (Colômbia), junto à Cátedra Fernando Pessoa. É coautora, com Rodrigo Xavier (UFRJ) e Roberto Bezerra de Menezes (pós-doutorando da UFMG), do livro *Os poemas mais publicados por Fernando Pessoa em vida* (2023). Coordena o grupo EntreMargens de Literatura brasileira e portuguesa na UFMG. Atualmente, é professora de Literatura Portuguesa nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da UFMG. Os seus temas de investigação incluem revistas literárias portuguesas do século XX, modernismos, modernidade e poesia portuguesa moderna e contemporânea.

RAQUEL MADANÊLO SOUZA holds a Master's degree in Brazilian Literature from UFMG (2004) and a PhD in Comparative Studies of Literatures in the Portuguese Language from USP (2008). During her doctoral studies, she conducted research at the University of Lisbon with support from a FAPESP grant. She was Professor of Portuguese Literature at the Federal University of São Paulo (2009–2015) and carried out postdoctoral research at the University of Coimbra (2013–2014) with a FAPESP Research Abroad fellowship. In 2023, she completed a second postdoctoral project at Universidad de los Andes (Colombia), within the framework of the Fernando Pessoa Chair. She is co-author, together with Rodrigo Xavier (UFRJ) and Roberto Bezerra de Menezes (postdoctoral researcher at UFMG), of the book *Os poemas mais publicados por Fernando Pessoa em vida* (2023). She coordinates the Entre-Margens research group on Brazilian and Portuguese Literature at UFMG. She currently teaches Portuguese Literature at undergraduate and graduate levels in the Faculty of Letters at UFMG. Her research focuses on twentieth-century Portuguese literary magazines, modernisms, modernity, and modern and contemporary Portuguese poetry.